

REVISTA
TRIPLOV

de Artes, Religiões e Ciências

Índice Série Gótica Primavera 2020



RICARDO DAUNT

Tributo

Organização: DERIVALDO SANTOS

Manuário de Vidal

Ricardo Daunt

*Tinha os olhos abertos mas não viu.
O corpo todo era saudade
de alguém que o modelara e não sabia
que o tocara de maio ou claridade.*

*Parava o seu gesto onde para tudo:
no limiar das coisas por saber
-- e ficara surdo e cego e mudo
para que tudo fosse grave no seu ser.*

(Eugênio de Andrade)

1

Chamei-o ainda da porta da rua, vislumbrei-o ainda com a dificuldade destes olhos cada dia mais teimosos, mas Vidal saía mais uma vez para comprar cigarros pelo simples prazer de atravessar os abismos profundos e depois voltar contando um a um, quase pelos nomes próprios, os degraus da casa, cujo quarto resolvemos habitar há alguns anos.

Subi então os degraus forçando a passagem com o pé para que os cadáveres de que tanto fala Vidal se dessem conta da minha presença. Agora, amaldiçoo tudo isto: estes homens que resolvem habitar a casa sem serem convidados e de cujos traços muito pouco consegui reter: um saco de roupa escuro, um corpo queimado de frio, um paletó sem camisa, um pé duro e macerado antecipando-se no espaço e no tempo à minha necessidade premente de espaço para passar, para subir, uma voz rouca e pesada rilhando perto dos meus ouvidos (como se não bastasse,

parecia haver cem vozes iguais àquela), um rosto cavado e amarelo, uma criança escondida em trapos e seios soltos, uma trouxa de roupa entre as pernas, um lenço sujo cobrindo a cabeça, um par de olhos que sinto me fitarem como mãos estendidas a quererem mais; e uma faca descuidada cintilando nas mãos, e esses gemidos, esses ais, esses ais que doem. E manchas novas a cada dia que passa, novas sombras nas paredes: de catarro, de suor, de barro e vômito e desespero, de medo profundo e melancolia, de fome, de asco e fome de si mesmos, por tudo que há e que não há na vida, por nós (eu e Vidal) – sobretudo por mim, porque subo e desço essas escadas quase todos os dias, porque coloquei uma tranca na porta do quarto e eles não podem chegar até nós, porque tenho um cheiro diferente e um jeito diferente e porque Vidal conta sempre os degraus: menina bonita, um doce, um remédio, uma moedinha, um pouco de farinha. “Essas coisas”, como diz Vidal toda vez que sobe as escadas com um ar de triunfo sobre a vida: “alimentei os cadáveres”, berra Vidal da porta do quarto para que o mundo inteiro se aperceba disto.

E cada dia mais eles nos odeiam, a cada dia que passa eles se amontoam mais quando me veem abrindo a porta; gemem mais, dormem mais, fingem até roncar, impedem deliberadamente a minha passagem, derrubam coisas, me empurram como última alternativa. Eu disse a Vidal: “um dia eles ainda te arrancam um dedo”. Mas ele continua espezinhando os cadáveres na escada e chamando esses degraus moventes pelos nomes próprios.

Agora imagino Vidal perto da montanha, pois é lá que ele fica e sonha suas mais sinceras recordações, suas vontades secretas de largar a cidade, de mudar de

identidade como quem bate uma porta para sempre deixando um punhado de nada atrás de uma armadura de vento. Mas ele volta com as mãos nos bolsos e me avisa na soleira da porta: “vi o nosso quarto lá de cima. A janela estava aberta.”. E eu provavelmente lhe pergunto: “chovia?”, ou então: “um café?” e ele se encosta na parede ainda resfolegando, mexe no boneco, sacode sua cabeça de metal, examina alguns parafusos e se atira sobre o parapeito da janela esvaziando o ar dos pulmões.

Quando finalmente só se ouve o respirar entrecortado dos cadáveres, Vidal começa a dar ordens a boneco, dita algumas cartas, faz malabarismos com um corta-papéis e pede minha opinião sobre o que acabara de ditar.

“A mulher gorda não veio outra vez. Virá amanhã ou nunca.”

“Sim, talvez venha sim, quem sabe”, procuro lhe responder, ainda ajeitando os travesseiros e virando boneco para a parede. Quando os cadáveres começam a cantar, eu apago meu último cigarro e penso. Vidal, não se conformando com a posição de boneco, manuseia alguns botões, jogando sua cabeça sobre a armadura daquele ombro. Nessas ocasiões, muitas vezes ele chora. Durmo então invadido pelas suas lágrimas e pelo seu desconsolo. Às vezes ele ainda acrescenta:

“A mulher gorda não veio outra vez. Virá amanhã ou nunca.”

E meu último pensamento fica no ar, estremece umedecido pela noite e cai sobre a enxerga se esparramando por debaixo de mim, sob as velhas tábuas do chão, atrás da minha orelha e no fundo negro dos meus

olhos, e deslizo já como um surdo querendo escutar o amanhecer.

2

Mas, muito cedo batiam já na porta de casa, batiam na porta com fúria e um dos cadáveres subiu até o quarto, berrando meu nome na entrada, Vidal lia os jornais completamente indiferente a tudo e boneco se encontrava desligado. Minutos depois, a mesma batida um pouco mais densa e ritmada fazia nossa porta estremecer. Aludi mal-humorado a uma nova hipótese, tentando persuadir Vidal a ver de que se tratava.

“Vá abrir, deve ser a gorda, vá ver.”

Depois tomamos café com uma ponta de satisfação física; com aquela secura na boca tão própria e resolvemos trocar nossas opiniões. Enquanto isso, boneco fervia a água para o banho e Vidal se refestelava descuidando suas mãos sobre o ventre inchado.

Mais tarde, Vidal atirou-se em direção à porta. Peguei o casaco e segui a excitação dos seus olhos:

“Vamos passear. Pra descansar.”

Saímos apressados deixando o café esfriando na xícara. À nossa saída, boneco se agitava como um pêndulo. Vidal prometeu me trazer de volta antes do almoço. “Leia pra mim”, é o que eu sempre lhe digo quando caminhamos rente ao muro que leva os desconsolados para fora da cidade. “Leia pra mim, Vidal.”

“Hoje você vai ter a minha visão. Vou lhe fazer um relato completo dos últimos acontecimentos.”

Dizendo isso, Vidal começou a ler as placas dos automóveis, os panfletos escravizados nas paredes das casas mais lindas que já vi, os velhos anúncios como gravuras impressionistas, mulheres delicadas para se tocar, cheirar, uma boca purpúrea, lábios grossos como os da gorda, e aquelas posturas tão íntimas que Vidal consegue exprimir com peculiar sensualismo

e luzes que se espraiam por todos os lados, pequenos rebrilhos no átrio da prefeitura e versos de Espronceda que ninguém leu (e que Vidal declama melhor que ninguém), mas que a cada dia se modificam recebendo estrofes inteiras repletas de gongorismo e sinónimas. Do outro lado da rua, um pouco de Valéry e shampoos exóticos para o cabelo e para a alma; e essas janelas fechadas e anônimas, anônimas porque talvez já seja muito tarde para encontrar a gorda e todos tenham saído para trabalhar do outro lado do muro e cada fachada das casas tem um nome estrangeiro grudado na porta e Vidal sente cada baforada do seu cigarro e esquece de ler a cidade, mas eu lhe digo sempre, lhe suplico sempre:

“Leia pra mim, Vidal. Leia para mim.”

Mas falamos todo o tempo sobre coisas genéricas, sobre o frio, sobre boneco, e Vidal já começa a se preparar para voltar para casa: um docinho neném, que gracinha, e engendra a frase predileta na boca convulsa e me calo agarrando firme na bengala e me apoiando no seu braço disfarçado sob o paletó de camurça, a carne satisfeita com os últimos acontecimentos da manhã e lhe peço para andar mais devagar, peço-lhe um cigarro e ele assente:

“Vamos passar mais uma vez pela janela dela.”

E, desconsolado, só me vêm à cabeça as fisionomias ensombradas dos cadáveres, esses degraus vivos que Vidal não esquece cada vez que avanço a bengala à procura do limiar das coisas; cada vez que cresce dentro de mim o desejo de me tornar independente e voltar para casa antes que ele encontre a gorda numa esquina qualquer.

Mas normalmente nossos passeios não duram muito. Às três da tarde, ou pouco mais, voltamos margeando o muro que Vidal atento a algum detalhe que se perdeu na ida, que ficou escondido dos olhos, e eu ouço, mas canto também algumas músicas que aprendi nos tempos do coral e acabo não ouvindo nada do que se fala: nem suas convicções de juventude, nem seus planos para boneco, nem as histórias do seu último encontro com ela no cume da montanha, no limiar da imagem da cidade e no começo do mundo, quando ele se predispõe a compreender destinos e a jogar o jogo dos inversos com a gorda.

Quando acordei já era tarde e os cadáveres reclamavam do estrago que a vida lhes fizera, boneco estava semidesmontado sobre o chão e Vidal fumava com um ar repleto de preocupação.

“Você já viu os jornais hoje?”, contrasta sua voz solene com o berreiro vinda da escada. Abro os braços e encontro uma peça ovalada. Parece ser o olho de boneco. Entro na tina e minhas gengivas doem como se estivessem sangrando.

“A primeira página está em branco”, justifica Vidal entre os intestinos e o saco ilíaco de boneco. “Ele respira ainda”, talvez Vidal ainda inventasse, mas eu estava com a cabeça totalmente mergulhada na água e só ouvia minhas unhas rasgando os cabelos e o barco incipiente singrando pelos canais arteriais.

Mas eu lhe digo sempre: “um boneco não pode encher este decepcionante vazio do dia-a-dia, vá tomar banho”. E Vidal se aproxima ágil, passos curtos, com um punhado de parafusos sujos de geleia.

“Chupe isto aqui antes de sair de uma vez.”

“Use a cabeça e limpe o pouco espaço humano desta casa bem antes de enxugar os olhos”, esforço-me para dizer com os ouvidos sobre o peito gorgolejante e removendo mais uma vez as tiras de jornal que Vidal jogou de propósito na tina e que se foram dissolvendo em pequenas notícias esparsas, jogos de passatempo, avisos fúnebres, um banco falido, um antropólogo fazendo experiências com alucinógenos, e os versos de Camões que se repetem quase mecanicamente nas.

Mas Vidal gosta de declamá-los de vez em quando, principalmente quando espera a gorda com os dedos cheios de sangue cravados sobre a massa cefálica de boneco que se não tivesse alguma utilidade, seria um interessante brinquedo nas mãos dos cadáveres.

Se eu pensasse durante o dia, certamente encontraria uma resposta que rechaçasse esta água escura da tina.

Esta água escura da tina esta água escura da tina esta água escura da tina esta água escura da tina água da tina escura que o sabão penetra nos olhos e me lava por dentro enquanto boneco prepara o almoço com aquela hábito inumano de estar sempre apto a satisfazer os mais ignóbeis desejos, inclusive o de morrer durante os dias de sol, deixar-se desmontar desde que lhe toquem o coração e o órgão genital, deixar-se cortar por instrumentos impossíveis, e se remontar logo a seguir, em portas fechadas, em desjejum, em almoços em roupas passadas e engomadas, e ladrilhos brilhantes e essa sujeira encardida nos vidros, no seu retrovisor, é sangue puro a escorrer pelo ralo do banheiro e pelos sussurros aglutinados que deslizam pela escada e abrem a porta para que Vidal suba cantando com a gorda, a fazê versos de amor nos muros que segregam a cidade da cidade. Se eu pensasse durante o dia, certamente.

Enquanto isso, Vidal eufórico contempla do assoalho a minha preocupação e traz por fim os olhos do boneco e afunda na água da tina o seu anel de noivado para que eu dê uma escovada de verdade e diga: “hoje está melhor do que ontem”; “já lavei duas vezes hoje”, ou então: “para o inferno você, a gorda e o anel”.

E pensando assim enquanto eu recolhia os destroços do que um dia e sempre fora boneco, Vidal tardava na montanha porque hoje era o seu aniversário (ele nasceu antes das duas da tarde) e espera como um adolescente a chegada dos presentes, dos cartões de felicitações e das histórias que os parentes lhe contam de além-mar: como aquela do homem sem a perna direita e que usava uma prótese estranhamente perfeita e, ao voltar para casa,

levava a perna mentirosa debaixo do braço para escândalo. Vidal chorava toda vez que pensava naquela história e ordenava em seguida que boneco passeasse com a perna na boca, dando voltas e mais voltas pelo quarto, servindo cafezinho às visitas de cerimônia para escândalo.

Mas enfim, antes da tarde ele baterá à porta e me pedirá desculpas pelo sangue derramado inutilmente e me mostrará a caixa do anel de noivado vazia, como sinal evidente de que a gorda aceitou.

“Você já esfregou o anel?”, larga Vidal uma voz esganiçada de dor já do segundo degrau da escada antes de sair e ir até o correio receber os presentes e as cartas oficiais.

Desce Vidal os degraus, seres moventes, seres de nome Sebastião, Belisário, Maria das Dores, ou mesmo Filipino, Maria Nazarena, José; remói Vidal ao partir as feridas e os destinos de cada um deles: um rosto pequeno de criança esfaimada cingindo-lhe a barra da calça, a mãe vendendo flores ressecadas, moradora do último degrau; o pai, envilecido pelo excesso de olho grande vida; já no quinto degrau, pisa Vidal com os seus pés serenos, pés de quem vai até a montanha encontrar o amor e os outros olhos do mundo, pisam o horizonte bem as costas como nos velhos tempos. Leio os jornais deixados por Vidal e me pergunto se vale mais a pensa ser quase cego assim, que enfrentar de peito aberto esse nada de novo, esse noticiário doméstico sem cartas e sem aviso-prévio e me interponho entre adular o que não existe e omitir o que não é de ninguém, preocupando-me por fim com a constância rascante e

mórbida de boneco que se arma de prazeres na boca do forno.

Quando os convidados saíram, permiti que boneco descuidasse dos seus afazeres para demonstrar mais uma vez que Vidal estava sendo compartilhado atrás da montanha, aqui mesmo, quase em casa, retrato de uma festa que podia muito bem correr até o dia seguinte, não fosse a falta iminente de espaço nas almas e doçura no sangue. Ainda assim, pedi a Vidal que voltasse, que tentasse ao menos mais uma vez recomeçar a festa, imprimir novos convites, mas ele já pulava próximo à vida o último degrau da escada e fugia porta a fora, tentando romper o atraso e a imaginação.

A gorda foi a última a chegar. Tocou a campainha e tocou o meu braço segundos depois uma vontade de dormir a sesta e de evitá-la, sobretudo porque Vidal ainda corria. Voltava de costas pouco antes do pôr do sol e trazia um grande cartaz que dizia:

NADA DE NOVO

Amassei então alho e cebola, enquanto boneco enxugava minhas lágrimas e me ajudava a preparar um caldo de ervas e frutas secas. Antes que os cadáveres gritassem alguma coisa, Vidal estava de volta; espancava a porta com força e se despia para o jantar.

Abracei-o antes de esquecer para sempre a data do seu aniversário.

“O ar ali é puro”, consegui ainda lhe devolver em afagos e mel, como um troco, antes de jantarmos em silêncio.

3

Deitado na enxerga, ainda vi as cartas de amor serem desenhadas com sofreguidão, em pequenos espasmos de cólica; como sintomas inevitáveis dessa doença humana que antes das dez da manhã quase responde pelo nome de correspondência: esse metro e meio de contínuos e descontínuos rabiscos que acentuam ainda mais a palidez do papel ainda quente sobre a mesa; essa vagueza de sentimentos que se permite perder na distância, chega até o correio pelas mãos da vida, sobrepuja as defesas da cidade e a gorda por fim abre a janela, desenrosca-se das cobertas e exhibe seus peitos caídos perto do fogão e, enquanto lê, descobre o verdadeiro prazer em coar o pó de café, despejar um bom punhado de açúcar na xícara e devorar essa manhã indecisa de pressentimentos e vírgulas, exclamações, e a última confissão do dia é finalmente absorvida num prato transbordante de manteiga e geleia.

Mas é difícil continuar escondendo que ela apenas corrói Vidal, que ela apenas aglutina o pouco que lhe resta de esperança, quando bem sei que muitas das nossas aflições advêm da mesma ausência física e do mesmo excesso de medo; que através desse organismo descomedido de mulher o mundo cheira e fede; que através do seu noticiário de dolências existenciais tudo se compraz como se o fluxo de tudo se medisse espontaneamente através das suas veias acuadas pelo colesterol; e aquele poema que toda noite esquecemos antes de dormir por preguiça e enfado fosse nada mais que o caminho titubeante de carnes alvas e suor, ditado por trás das palavras de boa-noite, por trás das últimas imagens divisoras do sono e da vigília, e esses intervalos que a terra concebeu na sua evolução peculiar, um mero expirar e inspirar rimado, um mero desejo de posso subscritos nos envelopes e nos muros, na troca da guarda e no teto dos cadáveres: nosso soalho até que.

“Você já está de pé?”, dito-lhe as últimas e verdadeiras palavras.

“Não, foi só a manhã. Parto hoje para sempre antes de ir ao correio. Não quero que ela me ouça.”

“Prometo guardar segredo depois do passeio. Vamos?”

Saímos do cinema por último, com a crescente impressão de termos saído em primeiro. Atrás e na frente essa massa compacta de ideias que se acomodam em poltronas disponíveis, sobem pela passagem lateral, mijam na borda da privada um amarelo carregado e se altercam ao espelho descomiserado, triangular, partido,

bafejando nele os restos não digeridos do filme. Toca nas mãos de Vidal o perfume que vem da tela quando a última cena se escoia e o primeiro cigarro não é capaz de largar no ar essência tão forte.

Por fim, a gorda subiu pelo outro lado para evitar mal-entendidos e sumiu no primeiro bar aberto que encontrou. Um pouco atrás dela, seguimos nós, enquanto esse mundo atenuado se partia em mil direções e conjeturas de gente. Com a caminhada sempre rente ao muro, nossos álibis voltaram a grudar na pela do rosto, e no troco do bolso. Bem antes de chegarmos em casa, Vidal se dirige a mim:

“Você entendeu alguma coisa?”

“Não sei. Não sei dos motivos. Era o seu filme preferido”, e ainda procurando ser gentil:

“A letra era muito pequena, me senti aporrinhado todo o tempo. Do que falaram exatamente, você se lembra ainda?”

“Acho que era a história de amor, mas não estou certo disso. Cheire minha mão.”

Sua mão já cheirava a nicotina. Antes tivéssemos entrado para ver o filme. Amanhã os jornais dirão tudo e elucidarão o caso: a gorda nos trouxe, se perfumou como nunca, comeu tangerinas e saiu cega de paixão pelo personagem principal. “Talvez tenha sido isso” falei antes de subir o primeiro degrau da escada.

e antes que eu pudesse obter resposta, apareciam os primeiros letreiros ininteligíveis, as primeiras cenas opacas e baças, enquanto bem ao nosso lado, tocavam uma velha pianola desafinada.

“Preferia que você recitasse para mim. Estou quase dormindo e não há lugar para esticar as pernas. Do que

falam, Vidal? Diga-me do que falam e te darei um pedaço.”

“Não sei, não sei, já lhe disse. Abra a porta e suba. Vou ficar por aqui para alimentar os cadáveres.”

Ontem, a sessão começou com quinze minutos de atraso.

“Passem logo o filme antes que eu durma”, proclama Vidal na sala vazia. Acomodo meu braço na poltrona do vizinho evitando a todo custo perturbá-lo.

“Ali está alguém que não se move”, conversando comigo mesmo e escondendo meu cigarro entre os dedos.

“Você tem certeza de que não está sentado no colo de alguém?”, falo ainda, desta vez me dirigindo a Vidal, certo de que me encontro a meio caminho de mais uma discussão estúpida. No entanto, Vidal permanece tênue e acessível como nunca, apenas virando de lado e beijando a gorda um número incontável de vezes. Se ao menos ela gemesse eu saberia que ela sente prazer nisso. Terei que inventar qualquer comentário sobre o filme para que Vidal não pense que a cena que se desenrola bem junto a mim é mais importante que aquela outra que se passa na tela.

“Vidal, você pode me dizer de uma vez por todas o que está acontecendo?”

Toca o pianista antes de ir embora para casa, toca alguma coisa bastante própria pois o silêncio é total. Enquanto isto, antes do filho nascer na tela Vidal luta com a poltrona e as cortinas se abrem desvendando o protagonista em carne e osso que, depois de soltar algumas frases de efeito, senta-se numa poltrona da segunda fila causando apupos na plateia. Por fim, como o

ator não quisesse mesmo voltar a tela e terminar o filme, a gorda se retirou: o desejo deslizou do seu corpo indo cair ao pé da poltrona da frente.

“Você viu que ridículo, rapaz?”, lamenta-se Vidal com os braços cruzados atrás da cabeça, apenas repetindo o que acabara de ler no letreiro.

Deixei a porta destrancada para que Vidal entrasse. Ao fim de meia hora boneco resolve ir dormir mas antes que eu tivesse tempo de virá-lo contra a parede Vidal pedia licença para entrar.

“Eles gostaram sim. Alimentei os cadáveres.”

Sento-me no chão brincando com uma mecha de cabelo. Ela dorme ao lado, olhos presos na tela, a cena culminante do filme exige toda sua indiferença e todo seu egoísmo.

Contento-me em caminhar pensativo sobre seu corpo.

“Ela voltou?” pergunta Vidal ofegante da soleira da porta.

4

Dias depois não tínhamos ainda, Vidal e eu, chegado a alguma conclusão sobre o filme. Talvez esta pequena divergência apenas procurasse esconder, entre nós, outras tantas muito mais graves e profundas. Só sei que um dia, ou mesmo uma hora depois, voltei à carga procurando encontrar meu adversário desprecaído:

“Prometo não voltar a filmes deste tipo até que tudo tome seu devido lugar, as coisas”. Depois, como Vidal nada respondesse, permiti que a mulher se vestisse, deixando-lhe luz suficiente para que ela encontrasse as pequenas bijuterias que estavam espalhadas pela casa, ao mesmo tempo que permitia (e exigia) que Vidal examinasse aterrorizado aquele rosto borrado e cansado de fingir.

“Quem era?”, sacode por fim meu braço, as paredes, a casa tão vazia como nunca e a luz interdita de boneco que merecia paz maior e menos aspirações.

“Quem era? responda por último”, exige Vidal de mim mais uma vez, enquanto lhe alimento o ódio, brincando com os botões de boneco.

“Largue-o, ele nada tem a ver com isso. Você não pode mesmo entender”, ou como opção: “você acabará quebrando tudo, pondo tudo a perder”.

Como se completasse a frase que Vidal iniciara, eu acrescentei monocórdio:

“Um dia ainda voltará por esse mesma porta, hasteando a mesma bandeira em sua defesa. E então, aqui terá”.

“Não acredito no que meus olhos viram. Quando foi isso?”

“Depois do cinema, antes de dormir, depois de chegar, antes dela sair muro a fora, depois de você, antes que eu pudesse perceber, depois da realidade, antes do sonho.”

“Repita isso outra vez se for capaz.”

E eu repeti:

“Depois de você, eu: depois do cinema, ela; depois de chegar e se entregar, antes de partir e adeus, depois do muro pensado, a ação; antes do muro, a partida sempre inóspita e obscena”.

“Você finge como um livro”, expurgando, assim, a imagem que eu lhe trouxera com ambiguidade.

“E você gosta de falar por mero contrapeso. Não quero mais ouvi-lo, já que mal posso enxergá-lo. A mulher você viu descreveu-me como a mulher que já pensaste inúmeras vezes. Um pouco do que lhes era comum voltou a esta casa, mas em grande parte se perdeu, muito depois de você, num terreno onde os olhos não

podem mais ver: eu, e quis esta última e desprezei a outra no jogo dos inversos”.

Boneco o auxilia com a mala, enquanto a gorda chora atrás da porta. Agora, terei que aguentar com o aluguel sozinho. Vidal sai com a minha visão e as minhas mentiras.

Disse-lhe por fim que aguardaria com impaciência as estações do ano e que quando o tempo permitisse eu iria até a montanha zelar pelo lugar e pela vista. “Nada melhor que um cego para cuidar do paraíso”, despejei sobre a mesa, sobre os móveis, sobre tudo. Depois, tudo silenciou e logo começou a escurecer.

As últimas palavras de Vidal não foram palavras.

.....

Faltavam-nos algumas informações que melhor elucidassem o caso, de qualquer forma pus-me de pé e tirei do bolso um caderno de rascunho e uma lapiseira no intuito de analisar com cuidado as diversas possibilidades de passagem.

Bem a leste conheceu-se certa vez um caminho que no entanto deveria ser percorrido durante a noite. Na parte baixa da cidade existe também uma brecha no muro protetor e creio que fica logo atrás de uma placa dizendo:

SAIA FORA

Tomando esse rumo, após uns dez ou quinze minutos de caminhada, chega-se até uma encruzilhada. No meio dela, pintada numa pedra, a rosa dos ventos, e logo abaixo dela, a sentença quase imperceptível:

PROSSIGA

Vidal escolheu esta alternativa considerando-a a mais segura das que dispúnhamos. Acompanhei-o numa noite em que o sistema de iluminação havia falhado. Atravessamos toda a cidade, passamos pelas placas chegando a uma cerca de arame farpado. Vidal cavou então um buraco por onde passou o saco de suprimentos e a pilha de jornais. Segurei depois a cerca para que houvesse espaço suficiente para ele passar. Depois passei eu, ainda temeroso que o sistema de iluminação voltasse a funcionar. Arrumei a gola do seu casaco pois caía uma chuva fina, acenei às cegas até que o trem se perdesse na primeira curva. Sentado defronte à janela Vidal examinava a cabine. O trem partia sem que eu tivesse tido tempo de lhe contar dos meus progressos com a bengala. Apalpei com ela o chão liso que se projetava à minha frente. Sumia o ruído de ferros no horizonte. A vida, junto a mim, congestionada em mim, já pedia explicações que os olhos não poderiam mais fornecer.

Depois de levar o que era seu, Vidal certamente se arrependeu, pois quando saí para passear os cadáveres estavam cuidadosamente alinhados nos cantos da escada e intuí que, apesar de tudo, ele ainda me queria bem.

“Assim eles não te incomodam mais.”

“Assim eles talvez se calem, pois o remorso é maior.”

Naquela mesma noite, surpreendi boneco tecendo um tapete. Virei o rosto para o outro lado e mantive meus ouvidos abertos antes de pensar. Mas vinha-me a história do filme que um dia ainda faria com os dedos das mãos em pleno outono; um filme todo azul, um azul de vento frígido e chuvisco intermitente. Assim dormi.

5

O tempo caminhou por dimensões próprias, algumas vezes em coincidência com as estações do ano, sobretudo o outono que batera à porta do quarto um pouco antes do meio-dia e o sol dourado entrava pela janela iluminando o fogão e a roupa suja. Ficara ele nos anseios com a bengala esquadrinhando a pela numa imitação de autoridade que causava em boneco sabores amargos e uma expressão pregada no rosto de escárnio e desprezo; mas sobretudo de desilusão.

Já havia passado três horas e o tapete levado com alinhamento e apuro atingia proporções bastante incômodas para o livre trânsito de ideias e esperanças. A cada quarto de hora boneco impacientava-se, pois acreditava ele que Vidal chegaria a qualquer momento da longa viagem e tocaria os seus dedos humanos na saudade, pondo a fluir dentro da casa todo um sangue novo e perfumado de lonjuras e desafetos e os botões sentimentais de boneco seriam levemente pressionados sob o outono jacente e

durante a primeira noite inteiramente entregue de devaneios e queixumes, o rosto de Vidal, moldado por ventos estranhos, pelo pó íngreme dos montes e sobretudo pela vontade de se arrepender, repousaria sobre aquele ombro incansável de metal.

Mas bateu meio-dia e uma hora.

O rebrilho do dia deslocado com rancor causava novas sombras e habitava por fim uma nesga da parede, quase se precipitando para fora. Não fosse uma bengala repleta de nervuras, boneco observaria microscopicamente o suave projetar do sol pelos mundos afora. Um pouco antes das duas da tarde boneco serviu a refeição habitual da casa, jogando um prato na mesa e mergulhando a colher de sopa num caldo de sal. Já então era inverno e ele comia o silêncio e a espera do correio. Um instante de apaziguamento coincidia com os sorvos da sopa e com o constrangido movimento de alçar o garrafão de água, encher o copo e matar a sede.

Sua bengala dormia ainda quando já era primavera.

Um pouco mais cedo do que se esperava os parques se encheram de flores e de vida. Talvez, se Vidal escrevesse uma única linha, sentiria ele que o verde se recuperara como em todos os anos e que aquela fibra de papel rescendia ainda a novidade, a esperança, e muito mais ainda a estações de trem, o hálito morno das janelas da segunda classe; quando os olhos escandem a paisagem de pequenas cidades, o perfil de nuvens que escorrem do céu, os números gravados nos postes que margeiam os trilhos, os nomes cada vez mais familiares dos lugares; e o perfil das coisas em movimento cada vez mais se

esbatendo contra a retina, numa verificação fantástica entre o real escondido em cada curva, em cada saída de túnel, e a memória na crescente predisposição de chocar-se com o futuro teimoso que se demora ainda no exame dos primeiros carros do trem, nas primeiras janelas abafadas de vida e de volta.

Mas já batia cinco horas de um dia quente de verão. O tapete estava pronto e boneco experimentava as dimensões do cômodo; tocava suas mãos de ferro nas arestas das paredes, gravava eletronicamente as medidas que, por sinal, nada tinham de comum com as do tapete. (Tivera talvez o propósito de estendê-lo até Vidal.) No entanto ele não se incomodava muito com isso, sorrindo uma boca estranha e metálica.

Antes de recolher o tapete, teve ele ainda tempo de reler em voz alta aquilo que nele se inscrevia e que dizia:

VIDAL DONO

Uma lufada de ar quente saía do seu peito e carbonizava o ar estancado do quarto.

Os seus rápidos progressos com a bengala permitiam já que ele adivinhasse o bater das seis horas, das sete horas e das oito horas. Às nove, nada aconteceu, porque fazia a última refeição do dia e parecia arcar com o peso do mundo em suas costas. Boneco virara-se espontaneamente contra a parede negando-se a responder aos apelos de uma campainha que atroava por toda a casa.

Uma chuva fina rasgava agora o parapeito da janela e cobria o soalho de desencanto e perplexidade.

A noite revestia com esmero toda a montanha, o vale nu de sentimentos, a argamassa fria que contornava caprichosamente as ruas da cidade, as janelas em sobressalto pelos dias quentes de verão, e os trilhos da estrada de ferro permaneciam ainda memória do sol, memória estreita e linear. Batia dez horas da noite por trás das janelas desbeijadas, abertas, cavadas nas paredes – rasgadas as cortinas – batia dez horas no interior das casas vazias, batia como um documento jogado numa mesa repleta de documentos, cheirava a terra suada o suor lavado das gentes da chuva, dos itinerantes que não voltam mais, dos trabalhadores de sol a sol, e a gorda dormia no rego estuporado da manicure e suava ainda quase onze horas todos os poros das axilas e tinha o lençol branco lavado de desejos e de tempo sem tempo.

Cobria a noite sem tempo as nuvens carregadas de água ainda onze horas, porque já por volta da meia-noite desfaz-se o verão em incógnita e quando ele quase dorme, a bengala quase repousa, já vem o outono com seu ar fresco e dias azuis e ventos originais sobrevoam a cabeça ereta das gentes e a gorda beija o ar novo que repassa e rebrilha nas janelas brancas de luz e antes de suspirar se estreita ao colo oferecido,

e porque o tempo já parte de encontro ao frio invernal, as roupas se rasgam nas casas, a cerca se fecha sobre a noite densa, o muro se comprime próximo às passagens e as pedras sem comprimem umas às outras se

recolhendo na sua lembrança vegetal, e o vento de outono espiralado e ligeiro cruza os espaços esquecidos e repousa também atrás das árvores, dando lugar ao inverno, quando ainda

quando ainda já era uma hora e ele resolve dormir como nunca, vencido pela noite morosa como as estações do ano sobre os terrenos áridos, quando já são duas horas e vem-lhe este sabor de tempo perdido, de encontro marcado com alguém que não veio porque não quis. Cobre-lhe a noite começada de inverno o corpo todo, a bengala; esquadrinha a casa o silêncio da noite e como se dormisse enfim, e como se deixasse ainda que a memória de tudo se perdesse por algumas horas; como se fingisse ainda, ficou imóvel no chão da enxerga até o amanhecer aberto de olhos.

6

Raspou a ponta de ferro da bengala e o céu aberto e o universo se pôs em funcionamento.

Acordou.

Trens

Partiram na aurora do dia. Trens chegaram na aurora do dia. Vidal não viera. A campainha tocara pela madrugada, tocara uma vontade imensa na música vazia da noite, tocara um som pesado que revolveu os cadáveres e fez eco na casa. O sono sucumbiu ao sono e acordou na primeira hora do primeiro dia de inverno. A natureza não se refizera durante a noite. Campos queimados espreitavam o horizonte, perfilava-se no céu pálido o sol como um pingo tímido de luz. Cobria a bruma do tempo os telhados ásperos e o hálito da terra lutava ainda para ser o hálito na contrapartida do frio compacto e impessoal.

Acordou.

Raspou a ponta do nariz o ar neófito e invadiu-lhe então um desejo de tocar os botões sentimentais de boneco; tocou-lhe a descontinuidade do momento e a profunda continuidade da vida. Tocou-lhe ao acordar, com a bengala ainda dormente, as coisas. Andou por precaução o relógio no ritmo habitual e por precaução ainda os cadáveres acordaram.

O rumor.

Despeja-lhe a vida no primeiro ar o ar de tudo, o ar universal. Move-se dentro dele o primeiro movimento das coisas e é como se todas elas se movimentassem no precisar do instante.

Determinado.

“Mais alguma coisa?”, pergunta boneco com os braços de ferro em sinal de protesto, abertos, grudados na janela, arrogantes.

O tempo.

Abrem-se os olhos inúteis à realidade inconsútil de tudo. Despeja-se maduro e obeso o mundo, e rolam pelo chão os ritos miméticos do momento passante.

Escorrega-lhe dos sentidos, mas se adere aos fulcros íntimo de tudo o primeiro instantâneo:

“Vidal não veio”.

Vidal não veio, Vidal não está mais. Dorme ao meu lado a gorda mulher de nome Isabel. Respiro sobre seu

corpo, a sua nuca que cheira, mais nada. Nem mesmo a farsa da montanha foi capaz de tornar essa cama de carne e banhas mais macia aos sentidos. Isabel. Isabel. Ah! se pudesse me desvencilhar desta intimidade. Invadiu-me repentinamente na primeira manhã, invadiu-me no primeiro raio de sol, no primeiro gosto do dia, o seu cheiro: abro minha boca soltando o chumaço de seus cabelos esguedelhados, mesmo ontem. Quando foi que Vidal partiu?

“Quando foi que Vidal partiu?”, lhe pergunto ainda, procurando arrancá-la do sono. Mas ela respira manso ignorando o dia. Até mesmo os cadáveres querem Vidal de volta. Não há nada a dizer-lhes e existe um pouco de cobiça neste não dizer. Para eles, contudo, as carnes de Isabel cheiram a futuro não prometido. Resistem calados do jeito que Vidal os deixou: você, você e você outro. Não importa. Uma nuvem, um rosto, um bafo. Os moldes das coisas ainda estão pela casa rondando em algum lugar como simples máscaras. Ah! tocá-las como quem toca a vida de outro. Tocá-las como toca o vento as paredes da prefeitura, as casas brancas, a igreja, os frutos maduros das árvores. Ah! o vento, o vento, crispo minhas mãos no último presente de Isabel, Isabel a gorda: a bengala quase branca, sinal que esta visão já se torna mais transitória que a própria vida, que o vento, que o vento que revolve as ervas da praça, que bate nos muros da cidade com a destreza firme de quem abandona: Vidal, Vidal, Vidal.

A bengala está aqui, Isabel de certa forma também. Isabel a gorda. Para Vidal, a gorda tão-somente. Agora Isabel, as minhas esperanças de ver novamente e a bengala formam o tripé em que me assento. Isabel: ontem, uma mulher, uma visão nítida como as minhas

unhas, como a maçaneta da janela, como a janela mesma: as sujeiras do tempo traçando mapas que ninguém leu, que se limpam e renascem num dia de chuva; como a parede, a parede mesma, guardada em tijolos, em cimento, tratada e pintada, a cor adquirida como a casa, a casa mesma, qualquer casa, aquela ali ao longe na imaginação, aquela outra sempre às escuras, guardada em porões e mistério e muito mais, muito mais ainda, essas coisas monumentais, essas coisas que se vê mesmo sem querer olhar, que obstruem. Assim também foi Isabel: uma unha pintada que começava nos dedos, um cotovelo nítido como um desvio de estrada, e os poros do seu corpo, um a um, a própria visão do poro onde se mergulha. A língua. Hoje, Isabel: um gosto, uma vertigem no estômago, ex-crescência, superfluidade, sombra?

“É tua sombra, Isabel?” lhe pergunto adivinhando a resposta.

Isabel está na cozinha fuçando a geladeira e é como se eu estivesse lhe contando tudo isto, pois algo me olha daqui, me examina, me ouve? Posso ouvir seu ruidoso trajeto pela vida, pelas coisas: finca agora os dentes cheios de carne na carne, explodem cascas. O bolo de laranja que seus dedos um dia acarretaram, sal refinado escorrega pelas cutículas como pequenas bolas de areia atiradas na janela de uma casa de praia. Ouve-se melhor pela manhã;

Mas é como se este ouvir roubasse um pouco o contorno de tudo. A doença acorda comigo pela manhã (se é que posso chamá-la assim), acorda exatamente no mesmo instante e com disposição redobrada. Exercita sua musculatura engendrada e cai como um pano de feltro nas

minhas pálpebras. Poucos segundos se passam. Guardam elas depois o olhar em ausências.

e vejo menos a cada manhã. Rolam as coisas, pequena ladeira inclinada e as sombras se adicionam umas às outras; se reproduzem.

“Gorda! Gorda Isabel! passei a noite a ouvir: ouvir sonhos e também pesadelos. Acho que te ouvi acordar. Acorda, Isabel. Acorda.”

Boneco se fixa em mim; ele, organismo induzido a buscar compensações.

Acendo um cigarro. Fumar, fumar e não ver: não ver este fumar, somente o papel que queima, a brasa que perdura, o cânulo enrugado do papel, a fumaça que fede o ar. O ar, um ruído que ocupa o lugar.

.....

Antonio morde o travesseiro, Isabel morde o travesseiro, o travesseiro borrado de pintura, o travesseiro quente e molhado, morde o inverno cada fresta de vida, mordem os trilhos o chão de passagem, morde boneco a vida orgânica como uma indisposição.

7

“Muita fome pela manhã. Espreguiço, espreguiço. Antônio ainda dorme, ainda está inerte, ainda não descobriu a manhã. Fome. Muita fome pela manhã. Boneco. O chão por baixo de tudo, a casa. Preguiça. Sono. Ainda sono. O dia. Essas horas, essa melodia, doce, caramelo, doce caramelado. O dia. Desejo sexual. Apetite. Rosária, o carinho e a fome de carinho. Rosária lá. Minha posse. O gosto disso. Tratando minhas unhas roxas de frio. O frio. A fome logo na manhã. Antônio, Antônio ainda não acordou. Antônio ainda não acordou, Antônio. O chão por baixo do corpo quente. Muita fome, falta de sal no organismo, o gosto do sal, o mel e o sal. Podíamos ter sido felizes juntos. Os propósitos acordam antes que os jornais. Acordam antes de todos mas morrem ainda na ponta da cama. A cama, o sono. A fome. Espreguiço. Manhã. Essa música. O que fazer, se nem a manhã gosta dela? Rosária vem. Rosária vem. Absurdo. O chão quadrado. O ruído. O chão preso nas escadas e na rua e na construção do mundo. Ufa. Preguiça. Calma.

Fome. O edifício cresce sucumbido. Nhac. Fome. Secura. Saliva. Gosto. Espreguiço. Cozinha. Acordo de uma vez. Eu, ufa. Nhac. Secura, gosto derretido. Desejo. Cansaço. Quietos. Tudo quietos. Volume da manhã. Rosária não faz direito. Unha feia se estraga rápido. Descola. Olha a pontinha. Seca. Hoje ela ficou por aí. Hoje ela não trabalha. Ufa. Vem. Vem. Vem. Vem meu ceguinho. Vem meu pequeno. Pra lá Rosária, assim você me machuca a mão. Ai, Rosária, não, não. Não foi assim que mandei. Preguiça. Sono. Nhac. Machuca a mão. Rosária Rosalinda. Pequena e magra. Magra. Magra. Dane-se fome. Nhac. Bom. Preguiça. O marido bateu. O marido bateu nela. Rápido foge. Manda ele pro inferno. Vem cuidar de mim. Não mente Rosária, não mente. Bateu forte. Não treme Rosária que machuca. Que machuca. Dia.

“Antônio vem brincar um pouquinho, vem? Vem. Passa a mãozinha aqui com gula. Fome nhac. Rosária estou de mal. Brava. Ufa. Nhac. Larga ele. Ele não presta, o teu marido, Rosária. Vem comigo. Fiquei assim de tanto comer sozinha. Sozinha. Com o primeiro homem, com o segundo, com todos e com as mentiras de cada um. De Vidal. O Orgulhoso. O vadio. O explorador. Vem Rosária, vem provar que bom é. Come, Rosária. Come enquanto ele mete a mão em você. Engole assim. Nhac. Morde ele. Deixa o homem sem os teus carinhos para ele ver o que é bom.”

“Não vale nada ele. Mostra pra ele que você pode ficar sem ele muito bem. Um cinema. Um joguinho. Conta pra ele, Rosária. Nhac. Eu te pago tudo o que você quiser. Come um pouco. Preguiça. Fome. Espreguiço.

“O trem, volume do dia. O chão quadrado em tábuas barulhentas. Desdobro. Cresce. Vem. Sempre disse que você não podia depender dele pra viver. Falta comida? Eu te dou. Trabalhe direito. Quero ver esse esmalte novo que você comprou. Você foi lá comprar porque eu pedi pra você ir lá comprar. Comprar e pintar com cuidado porque é assim que tem que ser e se não fizer, não faço mais nada por você. Te abandono à míngua com o desgraçado do teu marido.

“Você machuca o dedo, Rosária. Acordo. Acordo. Te levo amanhã sem falta ao cinema ver o John. O lindo John. O beijo de John na tela é real. É de me deixar doidinha. E você também que não viu nunca isso. Teu marido nunca te beijou assim, com esse jeito. Vem, passa mais uma camadinha que eu te levo para passear. Vem Rosária.

“Acordo, Espreguiço. Ufa. Fome. Manhã. Nhac. Cafajeste ele que não presta, sempre te disse que ele não valia nada. O vagabundo. O vagabundo. O vagabundo. Bateu em você que você apareceu com marcas, não adianta mentir. Eu te pago pra você não me enganar nunca. Ouviu, Rosária? É pra isso que eu te pago. Pra fazer o serviço direito e não me machucar e jogar comigo e fazer companhia quando eu te chamo e perguntar pela minha saúde e perguntar sempre as coisas que eu te mando perguntar. É pra isso que eu te pago, Rosária.

“Vem, faz as minhas unhas que eu quero ficar bem bonita pra ir ao cinema ver o John beijando e como ele beija bem. Rosária, Rosária, Rosária sua desgraçada. Acordo. Péssimo tudo. Péssimo o dia, gordo como eu, cheio de minhocas.

“Antônio dorme em cima do dia. Aperto ele. Nhac. Vem. Acorda que você tem que acordar. Vem que eu te dou de comer. O dia. O chão quadrado. Filho de uma grandessíssima vagabunda. acorda que eu estou com vontade. Passe o esmalte, Rosária!

.....

Submergem na umidade da escada, os pés; submerge o útero na boca do recém-nascido; a cabeça pesada no peito mole de fadiga, no peito seco, na carne queimada e amarela; submerge na madeira podre da escada, em cada degrau, a queda. Afundam nos olhos ramelentos, o olhar fundo, essa boca de mil bocas, esse lábio pendendo dos dentes. Submergem as mãos guardadas no ventre, guardadas na urina do ventre, cai o ventre, o ventre do corpo com o grito da fome assombrando as costas vertebradas. Enlaçam-se os ossos, a carne quente e triste, e mergulha o sangue na escuridão.

Dissipam-se os glóbulos vermelhos na batalha perdida.

Cresce no chão, emerge dele a sífilis e o olhar vazio, o joelho e o filho, a unha e o ventre, a teta preta de frio, a trouxa no colo. O colo na cabeça, a cabeça na mão.

Na mão, a pele encardida, a língua encardida, a sífilis escrita na boca, a ignorância na cova do rosto. No rosto, mil olhos

no rosto, esse rosto pelado, indefeso.

Filtram-se através das carnes, parafusos, peles e nervos, a imagem morna do dia. Silêncio. Silêncio. Respirar. (Eles respiram). Eles. Movimento. Ouvidos caídos, agora grudados nas paredes, pregados nela. Sobe o dia o primeiro degrau.

Você: o murmúrio.

Sobe o dia apoiado no corrimão da escada. Sobe podre trazendo o morno ar de ontem.

Sobe na igreja mais um altar: sobe um santo e sobe uma hóstia na comunhão, um pano vermelho e uma cruz de ouro. Sobe o escapulário do porão e sobe o pároco de saias. Sobe mais um dedo o muro como unhas – um milímetro, um segundo. Sobem os cadeados das casas, os lençóis nos varais. Acordam os motores e as autoridades civis e militares, a guarda e os portões de ferro. (Carros fogem da cidade.)

Cresce um pouco mais o mato descuidado do pátio. Cresce o dia em mil direções e em cada possibilidade de morte. Berram os cadáveres beijando as paredes; beija a mulher no segundo degrau o segundo filho: crava a criança a mão no terceiro filho guardado ainda no ventre e no tempo. Guarda o feto o calor. Sobe o rancor e a faca, o gume inútil: memória do crime. Morde o quinto degrau a menina branca, o dedo e o ranho.

Morde a mão, a fome: pede.

Levantam os cadáveres e se redistribui nos vãos da escada o peso da vida. O grito.

.....

Centrou a lupa num ponto imaginário e as fibras e os fulcros do papel tomaram proporções gigantescas, cresceram na mera e invadiram o ar invernial. Tomou de um lápis grosso e calcou a cera de encontro ao papel obtendo o fenômeno da primeira impressão, da primeira fotografia do dia: VIDAL inscrevia-se assim, uma letra em convulsão, em desalinho; o V caindo um pouco como o começo de um berro, o L um pouco aberto, um pouco um braço, uma vontade de mão se abrindo, um pouco o vazio da sala

mas o A subia, subia pelos espaços do quarto e caía na rua, vinha pelo ar com leveza e se apoiava sobre os aros do canteiro, formando um ponto de observação e de vigília.

VIDAL ONDE

O O não imediatamente oval, de início dúbio como um arame pendente do teto, mas engordando depois pelo esforço da mão trêmula.

O N, um encontro de cotovelos, as pernas um pouco abertas marcando o refluir monótono das horas.

Finalmente boneco soltou-se em ferragens, levantou a cabeça do papel e grudou seu mecanismo sensitivo nas vidraças baças. Pegou um envelope mas não chegou a abri-lo, guardando o movimento no ar como se quisesse tomar fôlego por um instante para depois concluir o gesto num derradeiro estridular de parafusos. De que maneira

endereçar este *ONDE*? De que maneira fazer desta mesma pergunta sintética, resposta em si mesma e razão em si mesma?

Debruçou-se novamente sobre o papel e conseguiu:

VIDAL VIDAL VIDAL VIDAL VIDAL VIDAL
VIDAL

como um eco, um eco de uma máquina surda.

Enrodilhada em si mesma, Isabel alçava-se em interrogações ao examinar a obrar do homem. Virou seu rosto contra a parede percebendo apenas um gemido abrindo caminho na escada invadida pelo silêncio.

8

Querido Vidal: você deixou boneco em péssimas condições. Não consigo mais controlá-lo. É ótimo fazer experimentos quando ninguém sofre com isso, mas eu gostaria de dizer que fiquei muito sentido e não sei se foi de propósito ou não os desajustes na mecânica do petulante boneco. Minha visão não está boa, mas espero que você possa compreender o que aqui está escrito. A gorda também sabe disso e tem me martirizado muito na sua ausência. Quando você foi à estação, não fiquei sabendo se era adeus ou até já. Você foi até a estação?

Assinado: Antônio

Querido Vidal: boneco roubou a minha bengala hoje de manhã e como você sabe muito bem, o nosso quarto não tem espaço para rancores. Não vou nem falar do caldo

insuportável que ele me prepara todos os dias. Os cadáveres acho que sentem a tua ausência e a visão não me deixa mais sair de casa. A gorda me amou, mas prometo que foi sem afeto. Você continua escrevendo poesias?

Assinado: Antônio

Querido Vidal: faço hoje o relatório dos últimos acontecimentos. Fui na montanha e olhei com cuidado os espaços verdes e vazios. A gorda me levou até lá junto com a manicure. Não achei muita graça no passeio. Do lado de cá do muro o mundo continua sendo o mesmo mundo que você conheceu: as janelas das casas sempre fechadas e os meus problemas financeiros aumentando. Recebi a conta da luz que não foi nada alentadora. Até levei a notificação lá para a montanha e pedi que a garota lesse. Mande um cheque. Hoje, tentei sozinho desligar o boneco, mas ele me atirou na cara uma panela de água fervendo. A gorda diz que a cama é muito pequena para a raiva que ela tem de você.

Assinado: Antônio

Vidal meu amor: você sabe que eu não gosto de escrever cartas, mas não faz mal. Vou tentar. Antônio é seu amigo mas ele não presta. Sabe que eu sou noiva, mas exige direitos que não tem. Você sabe como é difícil fazer amizades do lado de cá. A Rosária é a única alma boa que me faz companhia tenho pena dela, muita pena. Por isso

ficamos sempre juntas, mas não é sempre que ela pode. Por isso aguento o Antônio. Não quero te incomodar mais.

Assinado: sua noiva Isabel

Vidal meu amor: falei mal do Antônio mas ele é uma boa pessoa. A Rosária com aquela cara lavada é que inventa tudo, mas agora eu já sei o que fazer e espero de você a tua honestidade.

Da sua noiva que te quer,

Isabel

Meu amado Vidal: hoje acordei indisposta, porque acho que não comi direito. Por cúmulo, a Rosária cortou muito o meu cabelo. Eu acho que ela devia largar o canalha do marido. Acho também que o Antônio não tem a cabeça no lugar. Mas aguento tudo porque ele quase não enxerga mais. Rosária manda lembranças e eu, o mesmo amor de sempre.

Sua noiva Isabel

Meu amado Vidal: fui até a montanha com o Antônio que pediu para eu ler a conta de luz. Me lembrei que lá é o lugar que você gosta e aprecia muito. Gostaria que você voltasse o mais breve possível. Prometo desta vez ir ao

cinema com você. Estou com o Antônio, mas é por pouco tempo. A vida aqui não é fácil. espero que você não me leve a mal.

A Isabel de sempre

Caro Vidal: faz uma semana que lhe escrevi e até agora você não se decidiu a responder. Não fui claro nos meus apelos? Saiba que meu relacionamento com a gorda está se tornando bastante precário e não sei (e nem poderia saber mesmo) o que acontecerá no dia de amanhã.

Mulher estranha, ela; cheia de instabilidades, tanto no amor, quanto na guerra. Suas armas são armas de outro tempo, de outra era. o peso dos seus argumentos instaura grandes doses de silêncio em nossas vidas. Seria demais dizer que ela não possui argumentos?

A situação das contas se regularizou finalmente, pois não havia outro remédio, a não ser elas se regularizarem mesmo. Apertou-nos um bocado. Tive que usar o plural pois na falta de numerário, conversei na montanha com a gorda, mesmo em presença da manicure, que você sabe muito bem não se largam, e ela jogou sua bolsa sobre as ervas que cresciam aos nossos pés, em sinal de consentimento. Peguei o necessário para cobrir certas ausências. Você sabe que os excessos sempre ficaram por conta de terceiros.

Você pagou muito caro a passagem de trem? Pagou a volta também? Escreva contando.

Do seu amigo,

Antônio

Caro Vidal: você me gerou um Judas, no dizer de Brecht que você gosta tanto. Falo de boneco. É com desgosto que peço ao menos seu endereço. Ele quer mandar o tapete para você, pois alega que as condições do cômodo não condizem com as medidas do tapete. Ambíguo, não é? Pudessem eu ao menos desligá-lo. Enfim, nem tudo são conveniências.

Saudações,

Antônio

PS: as palavras são minhas mesmo. Compreenda.

Caro Amigo Vidal: lhe escrevo nesta manhã maravilhosa um pequeno bilhete. O dia está irresistível. Um pouco desta alegria eu devo ao fato de que a gorda tem me ajudado muito nas ginásticas (por assim dizer). Posso mesmo afirmar que tenho feito verdadeiros malabarismos com a bengala. Nestas ocasiões boneco se infiltra de ódio e receios, mas tenho tentado ignorá-lo ao máximo. Onde estará ele? Curioso ver sua noiva tão ativa nestes últimos dias. Você não tem ciúmes? Encerro aqui o bilhete afetuoso, esperando encontrá-lo em gozo de boa saúde.

Do seu muito amigo

Antônio

Caro Vidal: isto é uma pequena nota. Os cadáveres têm fome e a gorda tem se exercitado continuamente na cozinha. Acontece que muito do que ela prepara com amor não aparece realmente no prato oferecido caritativamente. Diz ela que eles não estão arrumados como você os havia deixado.

Preocupo-me um pouco, mas viva o amor.

Do seu amigo de sempre,

Antônio

PS: encontre uma solução. Vencer cada batalha, é vencer a guerra.

Caro Vidal: não há tempo a perder. Volte. Volte logo. Eles tentaram arrombar a porta e há dias permanecemos aqui, completamente trancados procurando controlar a situação.

As forças contrárias estão enfileiradas. Nós, os resistentes, necessitamos de um comandante de pulso.

Do Antônio

PS: enviado do front com extrema dificuldade. Leia.

Meu querido Vidal: não tenho escrito por falta de tempo, pois é, tempo, é o que não falta por aqui. Acontece que

minha saúde não anda boa. Graças ao bom Deus, Antônio está sempre atento às minhas necessidades. Rosária também, que é muito boa. É uma pena que o Antônio esteja nesse estado. Fica dias sem abrir a boca e com os olhos parados na janela. Acho que ele não vê mais nada mesmo. Além disso recita o dia inteiro em voz baixa. Pobre coitado. Mudando de assunto, gostaria que você mandasse o dinheiro do Antônio que, segundo ele, você deve. Eu emprestei para ele. Não é dado, não. Acho que ele não desconfia das coisas. Não é que eu tivesse sustentando homem nenhum, não é isso não. Desculpe mas espero que você dê um jeito em tudo.

Da sua Isabel

Vidal querido: o que há com você? Pensei que você quisesse lutar pelo nosso amor. Mas lutar deste jeito é ser muito idiota. Nenhuma linha, Vidal, nem uma única? Nem por pena do seu amigo que estou cuidando com prejuízo da minha saúde? Saiba que até me instalei aqui com ele para aguardar mais tranquila a sua volta. Foi só por isso. Mas acho que deste jeito você não volta mais mesmo. Onde você se meteu? Você sabe ao menos qual o resultado de tudo isto, da tua falta aqui e tudo o mais? Você sabe, Vidal? Pois eu vou te contar direitinho, quem sabe você acorda de uma vez. O Antônio está todo mole, boca mole pro meu lado. É nisso que dá.

Isabel

Vidal amado de sempre: graças a Deus eu estou melhorando minha disposição. Engordei até, mas não faz mal, pois você não está aqui para me olhar. O Antônio tem ficado besta com as coisas que eu faço na cozinha. É uma pena que eu não possa cozinhar para fora. A vida é tão cara por aqui. Gostaria de ajudar um pouco mais. Rosária sabe disso, sente na pele, pois se não fosse eu, ela estaria perdida com o marido. Homem, vocês todos, eu levo no bico. Escreva, viu? Mas se não der, pense um pouco na vida pouco decente que certas pessoas levam e olha que não é culpa delas não. Pense nisso, Vidal.

Da sempre sua,

Isabel

9

Vidal não me engana com os seus silêncios. Desistiu de lutar. Desistiu da vida que ele mesmo pregou um dia, pregou firme nos muros da cidade quando ainda passeávamos e os problemas eram muito mais da mente que do coração.

Com que esforço sobre-humano tentei dialogar com o enviado dos cadáveres. Com que medo (e astúcia) argumentei com o homem de nome Belisário.

Chegou até a porta e berrou com voz convicta exigindo a presença do comandante em chefe. Apareci. Ele me mediu infringindo a tudo uma certa dose de culpa. Culpou-me o Belisário. Enquanto ele falava e eu não me lembro muito bem o que ele falava, os cadáveres se moviam como sombras no desconforto da resposta. Tive medo que aproveitassem a oportunidade (assim tão mascarada) para o ataque. Contudo, por surpresa de todos, até da Rosária que fazia um café quentinho na cozinha e espichava o olhar para a porta cada dois

minutos, os inimigos mantiveram-se ombro a ombro retraídos nas suas últimas comiserações e não tentaram nos sobrepujar.

Falou-se muito, eu e Belisário, duas mediações difíceis mas ele me pareceu magro e escuro. Magro e escuro demais para empreender por eles a luta verbal que prometia.

“Venha dialogar, venha até a porta com a promessa”, dissera ele, de certa forma mexendo com os meus brios e fazendo-me transportar, enfim, das difíceis meditações estratégicas para a polêmica imediata e sem fronteiras, cujo resultado sempre inesperado incita os contendores ao nervosismo e à insônia.

“Já caminho para a glória”, retruquei de imediato tentando diminuí-lo frente à sua tropa. No entanto, não adiantou muita coisa, pois o vozerio era imenso, imensos também o cansaço e a fome dos inimigos para que essas palavras assim pronunciadas pudessem por si só obstruí-lhes o veio de ódio e criar eco em seus corações.

“Para a glória”, repeti já com a voz um pouco pálida antes de tomar a necessária coragem de abrir a porta.

Abri, e uma força de ossos, vinda não sabia de onde, alcançou minha mão e grudou-a ao meu corpo como se tudo isso que me mantém de pé fosse feito de geleia.

“Um pouco de comida, um pouco de comida”, a única frase que ouvi de Belisário, mas não cheguei a saber se ele falava tão-somente por ele, ou em nome da tropa que dirigia.

E tudo isso se passou sem que a gorda tirasse os olhos e os dedos do vidro de melado, e creio mesmo ser

essa sua arma, a única de que dispõe para enfrentar certas implicações do dia-a-dia.

Por isso, estou aflito e passarei todo o dia assim, mas me preparo também para o próximo embate frente aos cadáveres, mesmo que seja antes do alvorecer.

10

Desanda pelos degraus, gruda o prato de arroz num canto da porta, arroz queimado de fundo de panela, um toco de pão e o caldo ralo de feijão. Vocifera, faz proteção com os braços e o corpo faz parede magra em volta do prato. Pende a cabeça como um cão, pescoço duro e recolhido, a caça. Amassam os pés as tábuas do segundo degrau e as unhas pretas riscam mudas a madeira velha levantando as sujeiras do chão. Os outros olham. Desejam.

Limpa o beijo Belisário e mastiga o último farelo de pão como se tentasse romper a solidez de uma pedra. Está terminada a refeição.

“Venha sempre que quiser”, contrata ainda Antônio com a bengala ajudando a voz pequena.

e o olhar pequeno, curto.

Curto já de tanto tempo, curto e tímido a cada manhã. Invade-lhe uma forma definida de doença física.

Cooperam as forças da natureza para que o não orgânico tome posse definitiva do corpo.

Impacientes, os homens doentes, as mulheres doentes segregam Belisário, a digestão. Belisário, um homem diferente. Um homem comido, um homem que foi ter com eles e voltou misturando o arroz cascudo com a fome, com o pão, num produto absolutamente indivisível.

Encosta Belisário a cabeça no degrau, se ajeita na quase satisfação, enrola a língua pelos cantos negros da boca que lembra gosto de comida. Pensa no velho cheiro de fumo que exala pelo nariz, fumo preto na palha e no cuspe, seco. Enfia a mão, a concha vazia. Chupa uma casca encardida de cortiça encontrada no fundo do bolso da calça e prolonga a satisfação até o sono.

“Agora vai dormir o filho da mãe”, manda dizer alguém dois degraus acima.

“Deixa ele que vai ver na outra.”

“|Um dia ainda caio de faca”, surgem as primeiras vozes, esbatem sobre Belisário que dorme. A ressonância surgida no seu peito vazio e dobrado dá ritmo às palavras que caem como bolas de ferro; rolam das bocas num impulso forcejado pela língua escura, tocam as carnes devolutas, o rego dos peitos e saem num espasmo de raiva:

“O desgraçado ainda vai ver”.

“Deixa ele comigo.”

“Filho de uma vagabunda. Acorda ele, faz ele vomitar.”

“Vai morrer com sangue na boca, um furo na barriga cheia.”

Belisário dorme. A que um dia se tornou sua mulher, por força do destino, lhe chegou com a mão na boca, a mão fria: “um filho Belisário, você me fez aqui dentro, tentei purgar, mas só passei mal. Te conto, homem de Deus, mas não quero que você tome atitude por causa disso”.

No mesmo dia, batia um sol de fim de tarde. Teresa entrou com uma mala na mão, o cabelo escuro preso com um trapo branco, o rosto com medo de olhar aquele mundo com jeito de homem, o cheiro, a pouca roupa, a única camisa pendurada num prego, uma cadeira capenga ali no meio, se via da porta. Belisário fumava, sorria para ela e para um estreito pedaço de mundo que entrava pela sua porta, Teresa, Teresinha. Depois largou o emprego, depois perdeu o filho na infecção, depois Belisário perdeu o pouco que tinha numa rixa besta e voltou do outro lado do muro com as mãos cavadas no bolso. Depois, Teresa saiu num fim de tarde porque não aguentava mais de fome. Depois Belisário fez o mesmo e pela mesma razão. Nenhum dos dois voltou.

Belisário dorme.

A que um dia se tornou sua mulher, muito antes da fome, muito antes do filho perdido, e de morar junto, um dia lhe chegou pelo mesmo caminho, esgazeou os olhos, Belisário fumegava, queimava ali mesmo e sem muitas palavras. “Toma uma cerveja, Teresinha?; Teresinha o que você faz? tem família constituída?; Você tem cheiro bom, gostoso; Vem ver minhas coisas, vem.”

E Teresinha viu na entrada da porta a camisa no prego, a cadeira ali no meio, um pedaço de vida que entrava nela, um destino estreito e igual, a tarde escondida dos dois e um momento frio da noite em que tentavam se esquentar: “Foi a primeira vez, te juro, a primeira da vida. Nunca mais outro.” Dorme Belisário.

Enquanto ele dormia, a cortiça doída de dentes fez baba na boca e saiu fora do alcance. Os cadáveres sossegaram porque atitude é na hora, não se toma atitude depois.

O tempo rolou. Depois, Isabel olhou pelo buraco da fechadura a ver se tudo estava calmo mesmo. Cuidou para não esbarrar o dedo no trinco, unha pintada pela Rosária. Depois olhou Antônio sentado perto da janela. Batia vento frio esquadrinhando os quatro rumos da rosa dos ventos. Naquele mesmo dia Antônio recebia novo presente de Isabel. abriu, tateou com as mãos acostumadas de tremor, mas não viu mais nada. Era uma bengala branca com cabo de marfim, também não se acostumou. Mentia por tudo. Disfarçava. Rosária continuava comendo os restos de Isabel e os restos da vida. Às quartas-feiras voltava para casa e via o marido. Batia e apanhava. Chegava sempre antes do dia marcado, manchas roxas no corpo, nervosa.

Agora ela faz um café, ouço a água na fervura e é grande o medo que tenho de ser enganado.

Presentes todos, todos aqui. Boneco logo atrás de mim, colado a mim em desagravo. Sentimentos? não sei se tem e de que tipo é. Mas Rosária já deve saber porque o quarto é pequeno demais e o que os olhos não veem a

imaginação facilmente preenche, copiando com sardonismo os ruídos e a seda.

Neste momento, ouve-se. A guerra continua e os inimigos continuam entrincheirados. Vidal precisa ficar ao corrente de tão amarga situação. Sorte grande os alimentos continuando a chegar regularmente. Isabel tem sempre tempo para cuidar de sua fragilidade. Desconfio que Rosária é responsável pelos sucessivos progressos na nossa linha avançada de suprimentos. Parte todas as quartas-feiras o comboio e ficamos apreensivos. Nessas ocasiões dorme-se pouco e a luz de uma vela não é suficiente para iluminar esse tempo extra despendido em vigílias.

Por essa razão, às vezes durmo durante o dia. Quase que tanto faz. O sono chega, chega sem pressa, fico sentado na cadeira sem necessidade de me deitar.

Nessas horas opacas me ponho a imaginar e a repensar coisas. Vidal partiu. A última vez que o vi fugia com o pacote de jornais pelo rombo que fizemos na cerca. Disse-lhe adeus, talvez até logo, não me lembro bem. Mas o sono vem, me invade mesmo de dia, tanto faz. Dorme-se bem na cadeira.

11

E passo tanto tempo que o próprio tempo é, já de si, uma memória antiga que passou. Isabel vem. Isabel come. O dia surge com grande expectativa. Fala-se então das atividades programadas. Repassa-se com cuidado as conversas a baixa voz da noite anterior, quando nos reunimos à luz de uma vela (duas velas?).

Jogo a memória horas atrás. Eu acordava. Noite. Jantar. Isabel. Pergunto-lhe sempre se dormi muito e se a noite que me acolhe é a mesma noite densa em tumulto e pressentimentos que engrandece Isabel. Ela me responde que não. “E eles?”, resalto no primeiro instante disponível. “Magros”, avança Isabel com a voz vinda do estômago.

“Magros, Antônio, mas tudo no mesmo pé. Nada bem minha saúde hoje. Rosária pouco vale, mas não diga nada a ela.”

Depois, horas a fio: pratos vazios e cinzeiros cheios. O cheiro da tarde, Isabel fica na tina cantarolando durante o banho. Boneco e Rosária enchem o tempo que lhes falta com métodos próprios e pessoais. Quer Rosária que ele

dê um jeito no marido. Apesar de tudo, o comboio continua com sucesso e insucessos.

Durante o dia tudo é pior. Cada cochilo é um triste reencontro comigo próprio, ontem. Por baixo do pano os seres se movimentam com lentidão. Sonho um pouco: partirei um dia num sonho mais longo, num respirar mais longo da tarde envenenado pela vida e pelo que nela não foi concebido.

Mas todo dia é assim. Isabel vem, me acolhe no despertar das coisas. Momentos pesados como os seus pés. (Rosária conserta toda e qualquer unha encravada.) Rosária toca a minha mão, vou ótimo hoje, dois graus a mais na cidade. Um dia o inverno passará e virá a primavera. Cheiro de coisas recém-nascidas mas obradas pelos séculos. Flor, semente. Chuva fina, ventos astrais. Fala-se tanto em vento aqui: caminho aberto, tudo e nada a ser feito.

Um dia Isabel me perguntou sobre a construção do muro:

“Quem construiu? quem?”

“Já estava aí, há muito tempo que ele estava aí.”

Algumas coisas são assim, porque sempre foram assim. Vidal as modificava porque versejava como ninguém. Colocava naqueles versos tudo que sabia. Depois, quando passeávamos, lia o que ia pelo caminho. Inventava às vezes quando a tinta se diluía no tempo. “Leia para mim, Vidal. Leia para mim”, insistia eu; e Vidal mais do que nunca criava e recriava poemas que para mim deveriam ter sempre existido, porque sempre me foram necessários.

Sai do sono Belisário. A porta real se entreabre para deixar que essa vida acorde, o dia. Deixa na boca gosto ruim, gosto azedo. Deixa o resto da raiva dos companheiros, um pouco de culpa no cartório, a barriga cheia, dor, sem alma. Deitam para sempre em túmulo raso as coisas perdidas dos bolsos, pisadas em pés sem sapatos. Existência.

Acorda Belisário, a mão no pescoço, duro. Acorda para a eternidade a mulher que um dia foi só sua. O filho que quase nasceu. A fome que quase matou, gosto ruim, azedo.

no primeiro sinal de vida, de ar respirado, acordam os cadáveres carregando o começo do dia. Magro.

“Um filho, Belisário, você me fez aqui dentro, tentei purgar, mas só passei mal.”

“Deixa disso, Teresinha, ninguém quer fazer mal à criança. Sua e minha, Teresa, Teresinha. Vai pegar as coisas pra não falarem mal.”

“Não é direito. Não é não, Belisário. Fiz porque perdi a cabeça com você. Nunca me ensinaram isso. Te juro.”

“Deixa pra lá que tem jeito, a gente se arruma aqui. Só se você não quer. Você quer, Teresinha?”

“Te conto homem de Deus, mas não quero que você tome atitude por causa disso. Tem uma mulher que eu conheço, uma amiga muito boa tem economias.”

“Já te falei, já te falei que não precisa. Vai pegar as coisas, vai pra não falarem. Eu também quero. Fica sabendo que eu quero isso acertado.”

“Onde é que eu ponho isso?”

“Dá aqui que eu guardo e acaba com essa cara. Tem cerveja pra comemoração.”

“Mas eu achava que ainda devia tirar. Tenho medo, Belisário.”

“Larga isso, já falei pra largar.”

Falei pra ela. No começo não acreditou. Mas eu gostava e não queria de outro jeito. Foi duro. Teresa queria acertar, queria de todo jeito. Ficaram sabendo que esperava filho. Teresa perdeu o emprego porque a patroa não queria saber de vagabunda. Depois, dinheiro mais curto. Teresa ficou doente, ficou louca de tanta dor. Sem dinheiro pra comprar remédio. Voltei um dia, ela no meio da rua. Bebeu. Chorou.

“Foi embora, Belisário. Foi pro inferno da terra o filho da puta.”

Entrei carregando ela, tinham me emprestado pro remédio, mas não precisava mais.

“Pega o jornal, desgraçado, pega o que eu fiz. Pega ele no colo.”

A amiga ajudou eu carregar ela pra dentro. Ficou como morta na cama. De noite vomitava. Um dia, perdi o emprego porque tinha que brigar pra não levar o desaforo pra casa. Teresa foi curando e acabou esquecendo. Mas foi embora. Era fome, ela falou sem brigar com a mala dela no chão. Fiquei olhando ela. Falei que a gente dava um jeito. Não adiantou. Depois recebi indenização do emprego, quis pegar o culpado na saída. Peguei e viram. Não deu pra acabar com ele. Depois acertei um encontro, eu e ele. Quiseram me pegar. Fui embora. Guardei a raiva.

Gosto ruim, azedo. Escorrem os olhos pelos degraus da escada. Escorre o jantar da boca de Belisário. Cheiro ruim, vômito. Alguém ri, limpando as unhas com a faca. Dia.

Mas todo dia é o mesmo dia. Rosária e boneco sempre juntos. Ele cada vez mais envenenado com prazeres humanos. Na cozinha, logo pela manhã, os dois se atracam. Ela mia sustentando entre as mãos pequenas o rosto metálico de boneco. Ouço tudo daqui: ela fala em unhinhas, em mãozinhas. No entanto ela parece não perceber. Estranho tudo isto, pois boneco é todo metal: uma peça quase inteiriça montada por Vidal segundo as instruções programadas de um livro técnico. Eu mesmo cheguei a folhear o manual nas horas de descanso de Vidal.

Mas tudo isto passou, é poeira.

Mas me lembro ainda dos modos sempre corretos de boneco: ele era serviçal, tolerante, trazia o almoço com devoção e humildade, aceitando todo tipo de atribuições. Nas noites duras e solitárias em que nem mesmo o jogo de cartas Vidal conseguia suportar, tal a ânsia de carne que o invadia, boneco ressurgia completamente decorado em seu papel: apto portanto para substituir os equívocos da pouca luz noturna.

Quanto a mim, restava-me a alternativa de um bom livro e, se isto não bastava como evidente disfarce, eu era o primeiro a me aperceber disto, indo deitar virado para a parede e fazendo com que o tempo desse conta dos fatos e da insônia.

Agora, tudo está estéril. Veio a primavera seca e vazia e sente-se nos ossos ainda fortes resquícios do inverno. Agora, boneco está aí, presente no próprio ódio e capaz mesmo de dirigir por si só todas aquelas emoções reservadas aos humanos. Já se amam, ele e Rosária, na mesma e eterna escuridão.

Hoje, manhã, saíram os dois para o encontro com o marido de Rosária. Certo estou que ele se apresentará com exageros de educação, tornando ainda mais rude o pobre homem que Rosária esposou. E, como se não bastasse sua já natural arrogância, tentará ele lançar mão de novos artifícios para confundir o rival.

Procuo esquecer este quadro patético deixando simplesmente que esta manhã penetre em mim em busca de momentos melhores. Então, mergulho na fantasia, retalhando cenas imaginárias e que somente se interrompem quando Isabel surge de mim, antes de mim, evitando que meus sentidos de homem se percam na passividade. Aí, é a evasão, pois só me encontro como animal quando minhas capacidades mentais me abandonam. E ela, Isabel, melhor que ninguém, melhor que tudo na vida, consegue me sugar do idiota exercício do pensamento e me mostrar a realidade branda e mole do seu corpo.

Mas há tempos que aguardo um passo definitivo de Isabel. Como noiva de Vidal, dispôs a gorda de tempo suficiente para agir. Agora, ainda mais quando nossos desvios de conduta nos estreitam, deveria ela avançar com decisão e demonstrar seus excessos de mulher. No entanto aguarda ela que eu durma. No sono profundo certos sentidos meus, ainda acordados, devem desfrutar da vida, muito mais que aqueles que sempre intactos

dormem sem oscilações. (Triste constatação essa que me toma de assalto todas as manhãs.)

Tanto isto é verdade, que hoje me voltei para Isabel, para o canto onde ouço melhor sua respiração e lhe disse:

“Conte-me o que aconteceu durante tudo. Faça isso por um pouco de compaixão. Morro de vontade, Isabel”.

Mas tudo passa. Mesmo sem ouvir ao certo a sua voz, a própria questão perde o sentido. Passa a vida por nossas mãos já esquecidas. Depois num momento qualquer ela diz:

“Saíram para ver o marido. Vá comer então”.

E me apercebo mesmo que nem boneco nem Rosária estão mais em casa. Me lembro então que sonhei: sonho feito em pedaços, que quero juntar com cuidado e entregar nas mãos de Isabel. Hoje, contudo, ela parece pouco interessada em me ouvir.

“Vá comer, já lhe disse que saíram.”

E o que eu gostaria de perguntar ficou embotado na garganta de maneira insuportável. Bate forte o relógio enquanto que o sonho me espreme dentro de mim como um vômito.

Bate forte o relógio, horas passam. Uma vontade de voltar para a cama e dormir. As coisas foram feitas para pessoas como Vidal, não para mim. Vontade grande de agarrar Isabel pelos cabelos, de lhe dizer: “ouça-me Isabel, ouça-me um momento só. Este sonho já há tanto tempo que ele existe e me acompanha, que penso mesmo ser ele tudo, tudo que existe; este sonho passivo, murmurado no claustro da minha garganta”.

Tudo calmo, o berro continua entalado em mim como uma pedra. Vontade grande de berrar, atirar esta

pedra a quilômetros de distância. Mas tudo é inútil. Da janela, vê-se a própria janela, de mim. Casa vazia. Isabel saiu há duas horas e não sei aonde se meteu. Quando voltar, talvez eu a mate, a enforque. Silêncio em todo lugar. Sinto-me como um cadáver recolhido ao cemitério. Talvez eu a mate um dia. Mas de que adiantaria? de que? Casa vazia. Horas passam no limiar de tudo. Deixo-me dispersar em memória gasta.

Dia.

12

Dia amanhecido, o pão que ela trouxe, o gosto de tudo, manteiga, tigela besuntada além de mim, compassiva. Pão, abençoado de longe, inútil. Matá-la como quem se desembaraça do próprio destino, da própria cegueira eleita em todas as coisas. Este não ver e não estar, hipótese, fraude. Matar você um dia, Isabel, matar-te como quem fecha uma cortina escancarada porque os olhos não suportam mais escandir distâncias. Fechar-te como uma porta, num estrondo de homem assaltado.

Sonho, durmo, me acordas. Há um pouco de morte neste ar premeditado. Torradas na chapa, leite quente, a manhã de pressentimentos. Isabel, você que se cuide que um dia ainda. Bastaria um gesto, um ato único, quente, minhas mãos como um colar de pérolas que você sempre sonhou. Não te dei ainda. Um instante. Um último ar saindo do teu peito se eu tivesse coragem. Como se eu

tivesse tanta coragem assim. No tato da morte. E você me perguntando, “mas por quê? por que, Antonio, se um dia ainda te dei de comer à boca vazia?”

Berro com a boca cheia, “porque sim, porque só assim algo de novo se permite adivinhar nas coisas, só assim algo de novo é devassado nestas paredes escoadas de sangue.”

Sinto-me coagido da própria morte a recuar. Medo? memória gasta de tudo. Sonho, um minuto interminável me esconde dos confins da vida. Do que além dela Isabel divisa em carnes e naquilo que me fugiu das mãos. Louco? A loucura dorme dentro de tudo, virtualmente dentro de tudo. Um só gesto, um pequeno mecanismo acionado e tudo passa a existir no limiar, plenamente.

Mas venho por momentos desse mundo e sento-me à mesa para comer. Recalcitrante. Tudo destoa desde que Vidal partiu. Isabel surge atenta ao meu apetite. De algum lugar ela existe e vê.

“Come mais, Antônio, aproveite.”

Sinto que já ouvi isto antes. Ela já me disse esta mesma frase uma centena de vezes, que não posso mais, não acredito ser esta coisa, a mesma enfim, eclodida em sons monocórdios.

Vigília e sono. Misturas de sal e fel. Do momento estático, surge Isabel uma vez mais:

“Decifre mais, Antônio, aproveite”.

Não a ouço mil vezes. Como posso matá-la ainda sem o enigma de tudo resolvido?

A vida é por vezes uma insistência. Do que ela disse restou o ruído. Sono, pequenas vibrações de vida. Talvez eu o consiga um dia: matá-la pela força. Desligar essa

função vital como ele. Vidal, habilmente fazia com boneco. Dormir um pouco mais. Está quente o sol. Abraço quente, a torrada rola na boca compassiva. Atrás, além do visual, Isabel. Um arranjo ao meu alcance. Múltiplo. Copiosos caem em farelos do pão morto na minha boca. As cortinas deixam o lugar. Ocupa o calor o sono. Bom. Matá-la, para que? Deixá-la viver, como Rosária, como tudo.

“Decifre mais, Antônio, mate.”

Que importa que ela já saiba de tudo? Corta a faca a manteiga em metamorfose. Ódio. Ela adivinha na minha mão, a mão buscando auxílio.

“Decifre mais, Vidal, mate.”

Avisá-la no último instante que a mão que mata não pertence a ninguém a não ser eu. Ouço. Sono, longe o murmúrio conhecido, grato. Essa afinidade silenciosa. Longe, o dia, o sol no horizonte e haverão tantos horizontes assim. Momentos.

Existem momentos nos quais basta o calor. Fica. Tudo fica e reside encoberto em brumas. Isabel toca a minha pele. Continua dizendo. Curvo-me em direção contrária.

“Decifra-me mais, Antônio, vinde a mim.”

Ela é sempre assim. Aproveita quando durmo. Do que falava? Se eu lhe perguntasse, desconversaria.

Matá-la, matá-la um dia, ou hoje mesmo, com essa faca pura de manteiga. Com a inocência do primeiro gesto. E depois chorar. Encontrar uma razão para este choro sem qualquer razão. Na certa, Vidal aprovaria.

“Matei-a, a sua noiva, que acha?”

Não, não foi nada. Não disse nada que fosse aproveitável. Minto sempre. Talvez, de tanto mentir, um

dia volte a ver e continue a sentir que nada vejo. Mentira tão grande assim, maior que todas as outras.

Ah, alusões a nada que me comprazem tanto. Ela ouviu? Será que ouviu? Saiu-me a palavra da boca. Seu corpo estremece do outro lado da mesa. Larga a pele do meu braço, solta o meu pijama, sua posse. “Diz, Isabel, diz se você ouviu bem, entendeu tudo. Já contei tudo a Vidal para que a vida continue vagando.”

Sim, ele já sabe que você morreu e não tem mais remédio. Você pouco sofreu. Uma dor tão íntima no meu peito. Tão íntima.

Tudo a descoberto. E o mundo não sentiu. O mundo todo imóvel. As cortinas, o vento que corta os cabelos dos passantes, os passantes que cortam as ruas, as ruas que cortam municípios e até países com línguas diferentes.

Parados, todos, só o sol quente solto no espaço a entrar pela minha janela e a banhar um corpo a menos. Guardo seu resto humano no armário. Um armário a menos. Um armário que um dia foi madeira fresca de árvore morta. De resto, nada se modificaria. Morto, tudo morto em complacências. Parado o instante, sobraria eu. Aqui sentado a comer a manhã e todas as outras que virão. E um dia, numa manhã, Vidal entrará por esta mesma porta já agradecido porque tive um ato puro, irrevogável de coragem.

“Ela está no armário. Cheire.”

Mas o tempo corre e no despenhadeiro o grão pequeno torna-se redondo e rola. Corre a verdade por baixo da porta e é como se nunca tivesse existido. E você, um dia, será assim: um pedaço de pedra debaixo da porta.

O marido de Rosária não seria nunca uma testemunha. A vida não tem boa memória. Boneco?

máquina feliz. O processo seria arquivado antes de qualquer testemunha. O armário não fala e se falasse, não o entenderiam. Sim, talvez eu a mate hoje, mas quero que Vidal fique feliz com o incidente.

Vidal, o instante supremo da memória. O gosto reconciliador das coisas. Na sua boca, a verdade não demoraria um único segundo para ser extravasada. Faria com certeza um poema em louvor. Alimentaria os cadáveres no dia seguinte e no outro conjeturaria algo de novo, pois para ele as coisas não cessam de existir, de rolar. E você, Isabel, irremovível da morte, rapidamente se tornará desinteressante. Sim, tenho já um álibi perfeito: Você, você, Isabel, é tão dispensável quanto eu.

Um dia ainda tomo a verdadeira coragem. Quando o sol banhado se recolher nas trevas, quando Vidal trouxer poema do próprio punho, quando o sono me detiver menos e me fizer ouvi-la melhor e, portanto, situá-la melhor na negra manhã, eu a mato e guardo a vida extinta no armário. Vida vestida com a melhor roupa. Logo depois, esqueço.

Mas se alguma vez falei da morte, se alguma vez essa morte alheia me entusiasmou, foi quando Rosária e boneco regressaram lívidos, adentraram lívidos pela porta do quarto.

Tinha boneco ainda nas mãos o sangue que um dia eu deixaria de invejar. Rosária, ajeitando o vestido de algodão, a malha marcada na cintura fina, não poderia nunca nos enganar. Já de antemão sabemos o que aconteceu. As relações entre boneco e o marido de Rosária rapidamente se deterioraram. Horas depois, o rancor acumulado teria como válvula de escape a luta corporal. Nada na casa restou intacto. Durante longos

minutos, peça por peça do mobiliário humilde da casa, encontraria a sua destruição nos arremessos febris do marido contra a carcaça metálica do pretendente. Quando tudo acabou, o marido exausto aos pés de boneco, nada mais lhes restava fazer. O próprio pescoço humano, tão convidativo, se lhe oferecia destemidamente. Coube-lhe apenas acionar a armadura de ferro dos braços e se projetar pesadamente sobre o rival. Estrangulado, parecia o marido, abraçado à morte, uma escultura azul em gesso, imitando uma mesa. Como vieram partiram. Rosária arrumou seus pertences e em poucos instantes fugiam da vista de vizinhos curiosos e alcançavam a estrada que os levaria até aqui. Agora, descansados, contam os pormenores da batalha, mas posso sentir nestes corpos ainda tensos marcas indeléveis de premeditação no ato. Caso contrário, por que iria boneco ter com o marido?

Rosária se oferece para fazer o café. Boneco aguarda ansioso, não sabendo se sua ação foi, por nós, rejeitada ou aprovada.

O sono me invade, mas sei que no fundo é inveja o que sinto. Quisera poder executar a mesma façanha. Mas tomo o delicioso café de Rosária, voltando a dormir com a cabeça repleta de planos.

Horas depois, quando acordo, Isabel me informa que os dois partiram. Parece ter boneco projetado, enquanto eu dormia, uma maneira eficaz de assumir os assuntos da casa de Rosária no lugar que antes estava ocupado pelo marido. Se, por um lado, não terei mais os inconvenientes da presença de boneco, por outro, caberá a Isabel luta árdua para revogar tal liberdade de Rosária. Se não conseguir, terá ela mesma que fazer com que suas unhas

adquiram, na medida da exigência, cores e tonalidades novas.

Durmo agora por hábito. Por fim, ouço Isabel chorando. Não é difícil compreender que a morte se estende um pouco mais nos confins de nós. Se ganhei imensamente com tudo isto, Isabel, a gorda, foi visivelmente derrotada. Contudo, seria mentir dizer que o desenrolar dos fatos domésticos chega a me afligir: cada lágrima de Isabel torna-me mais sereno. É isto que chamo compartilhar, dividir tudo que é legado da vida. Creio mesmo que Vidal aprovaria sem ceticismos tais considerações.

.....

Hora do almoço: uma sopa rala, quase sem sal. Coincidência ou não, venho tomando essa sopa quase todas as tardes. Isabel novamente no outro lado da mesa. Pende a mesa vergada pelo peso. Há pouco, ouvi dela:

“Mas como é que você descobriu? vim de mansinho.”

“Pelo vento”, lhe respondi. Mas acho que não devia lhe ter respondido. Depois, Isabel murmurou mais alguma coisa:

“Você sempre come em outro horário. Por que?”

Sim, foi algo assim. Algo que terminava com uma pergunta. Mas não respondi. Demorou muito tempo atpe que surgisse nova pergunta.

Mas não lembro mais, não lembro mais. Terminei de almoçar. Devo há pouco ter dito algo a respeito da sopa. Ouço quase que no mesmo instante uma nova

admoestação que deve ter me acalmado muito, pois a mesa ficou um bom tempo sem ranger.

Hora do jantar: mais retraído. Dormi uma boa parte da tarde, talvez toda ela. Acordei com um gosto ruim na boca. Soluços de Isabel em algum lugar. Quando acordo, não distingo bem. Parece que sempre me esqueço como sou. Mas volta um pouco a memória. Só instantes, lembranças de dias iguais. Desejo de ficar na cama sem me levantar, sem abrir a boca. Isabel vem:

“Ei, ei, levanta.”

Mesmo assim permaneço no chão, envolto em diálogos íntimos. Em dado momento, estou de pé. É o estágio da recuperação. Começam sem cessar as horas, o estampido do relógio. Dói minha cabeça. Tudo dói. Sento-me na mesa porque uma voz pediu, ordenou de algum lugar. Experimento o peso e a dureza dos talheres. Ralo os dedos na borda do prato, busco com o garfo uma identificação imediata: é arroz, é tomate, não, não é tomate, é pepino, é alface. Num instante qualquer me canso da adivinhação e pergunto a Isabel:

“O que tem de jantar?”

Recebo a resposta e continuo comendo. Muita fome depois de acordar. Depois, farto, empurro o prato como se estivesse enjoado. Às vezes, no jantar, a comida é variada e Isabel uma mulher feliz. Mas isto é raro.

“Variada a comida, Isabel.”

E ela se mexe na cadeira repetindo “espero que sim”, três vezes. Na última, ela pigarreia emocionada. Garganta limpa, surge repentinamente em Isabel um bom humor: rouba meu prato da mesa, tira o copo de água do lugar, vira o garfo ao contrário. Fico muito nervoso quando ela

faz isso. Mas às vezes, sou eu que me divirto: no meio da noite, Isabel acordada, mexendo nas coisas dela, saio da cama e vou até o interruptor que fica do lado da porta e desligo a luz. Isabel fica furiosa, distribuindo beliscões no meu braço. Horas depois, esquecendo-se do caso, Isabel, ela própria, vai até o interruptor e bocejando, crac. É a noite de Isabel. Vida dividida entre luz e escuridão. Sinto-me maior quando ela surge da noite esbarrando em tudo, procurando se orientar. Nessas ocasiões, me invade certa paz. Mas antes que me acostume a ela estou dormindo, estou sonhando. É o meu visível, memória de mim. É Vidal caminhando comigo pelos muros. É a igreja trancada na sua austeridade de morte. É a praça, pequenos cantões para se sentar. Bancos já sem o verniz. São as casas tão iguais, com as venezianas fechadas, o musgo subindo pelas paredes, as chaminés emergidas dos telhados. É o fausto da prefeitura, o cinema funcionando regularmente. São pequenos rostos em fotografias, é o rosto de Vidal emoldurado pela janela do trem, seu sobretudo escuro, seu ar. Depois, a imagem desaparece. Tento agarrá-la, tento tanto que muitas vezes Isabel diz:

“Pare, Antônio, pare de chorar de uma vez.”

Mas todo esforço é inútil. A imagem se transforma em palavras, em olhos fechados, em calor, em movimento de um corpo junto ao meu, em fala:

“Pode dormir, pode dormir”.

Depois, tudo volta a se perder.

Matá-la um dia, matá-la um dia. Brincam essas palavras que quase chego a dizê-las em voz alta. Movimento de corpo. Isabel volta a dormir esquecida de tudo. Ensaio lhe contar baixinho, digo quase sussurrando:

“Isabel, Isabel”.

Mas ela dorme pesadamente ao meu lado, fazendo com que o som da minha voz se perca.

Matá-la, matá-la nem que fosse por um minuto só. Guardar o gesto da morte, revivê-lo mil vezes por dia, contar a ela mil vezes por dia que a matei. Atordoá-la com isso como se me postasse entre ela mesma, Isabel, e a vida de tudo, o resto. Levanto-me e ando até a parede oposta. Grudo minha boca na parede, a boca aberta. E gemo:

“Te matei, te matei sempre”.

Volto para junto dela, deixo o corpo cair ao seu lado.

“Ei, ei, levanta”, ouço no amanhecer de Isabel. pego a colher de sopa: fria, dura, um peso igual à de ontem. Raspo os dedos nas bordas do prato e começo a catar as migalhas de pão mergulhadas no caldo. Inclino o prato, ergo meu ombro esquerdo, o punho, o braço inteiro, e consigo a última colherada.

13

A água quente, a do rio, cai a corrente rio abaixo, soltam-se os ferros, desce Belisário na cheia, cai o barro no barranco, o rio turvo, casas. Pequenos sinais de vida de lado a lado. Solta no ar a falta de ar das chaminés, os povoados submetidos. Vê. Contorna as águas pesadas das fábricas e foge pelo corredor. Porta aberta, punho, esperança. Aglomerados de vida, um cômodo só e uma família só. Sem irmãos. Chega Belisário na cidade de nome cidade em busca de trabalho para fugir da fome.

Vão se juntando no caminho, em cada porto escondido, perdido, sem esperança: Sebastião, Maria das Dores, Filipino, Maria Nazarena, José, Madalena. De lês a lês arfa o barco de tanta carne, para no porto, ofereceu-se a faina. Surge uma cidade de nome cidade. Casas, o arruado. O poder enfeixado nas mãos cristãs e políticas, o vento esbarrando nos muros que norteiam o lugar. A

vida, essa que sai pela manhã na corredeira de rios tão diversos. Rios que se afunilam. Que se fecham em destinos. Encontra Belisário uma barra tesa, vazia para por as mãos: trabalho, promessa de prosperar. Encontra Teresa, perde tudo, invade uma casa de esquina abandonada. Deita a cabeça de tantos anos de dominação. Consagra a fome ao dia-a-dia.

Fica o corpo teso, residual, morto como se fosse, nos degraus. A escada. Bate um sol pequeno e murcho, o sol da primavera. Teima a nova vida com gosto de mofo. Com as perdas de cada um. Recebe ofensa direta, dura de recusar, a briga. Sebastião que tem a faca na mão. Refletem-se, reverberam no gume os últimos raios de sol do dia que quer findar. Do dia desnecessário. Lança a faca-fura-barriga. A faca que corta. Cortam-se os raios os degraus da escada, a parede banhada de sol filtrado. A faca de comida. Sem comida. “Foi duro, Teresa queria acertar, queria de todo jeito.” “Perdeu o emprego.” Avança a faca, abre a porta, uma estrada de sangue, a vida morna no morno da tarde, a tarde quente, como em nenhuma primavera. “Tanta raiva.” “Depois, dinheiro mais curto.” “Voltei um dia, ela no meio da rua. Bebeu. chorou.” Avança Sebastião, mais uma estocada, rebrilha o gume sujo de sangue de Belisário. Bate forte o coração. Leva vantagem Sebastião, “um filho, Belisário, você me fez aqui dentro, tentei purgar, mas só passei mal.” Cai Belisário com um resto de memória, com um punhado de lembrança, estala o chão de madeira no momento findo. Fraco, turva a vista, gosto ruim na boca. “Vai pegar as coisas, vai pra não falarem, eu também quero, fica sabendo que eu quero isso acertado.” Deita o corpo restrito, automático. Recua o ventre, “larga disso, já falei

pra largar”, encolho. “Falei pra ela. No começo não acreditou, mas eu gostava e não queria de outro jeito.” “Desci do barco com vontade de fazer certo, de encontrar o que era pra encontrar. Um dia se encontrava com alguém, alguém que também, a gente fazia.”

Dormir, calor, Sebas Sebastião. “Fiquei olhando pra ela mas de que adiantava, Teresinha? não adiantou.” Queima o estômago o que era o estômago, esfria o corpo e as coisas. “Que me deixem pra ter paz.” “Teresinha, não vai. Não vai não, que você se arrepende, que você se arrepende.” “Pode marcar o dia que eu apareço pra acertar. A gente precisa acertar isso muito bem acertado, fora da fábrica, que é para ser mais igual, pra não ter desculpa depois.” “Vai seu filho da puta que eu te enfio uma faca na barriga. Vai que eu enfio.”

Fim, fim de quase tudo. Olham os cadáveres a luta finda. Cai o sangue roxo manchando os degraus. Madalena brinca com a boneca de pano de nome Sagrado-Coração-Perdoai, sem ver que um homem morto na escada, esfaqueado, de nome Belisário, contador de uma vida que lhe penetrou por inteiro, não é mais dono dela, não tem mais nada a ver com ela. Biologicamente morto.

Continua a primavera sem flores e sem perfume. De que serviria tanto perfume? Ajeitam-se os cadáveres na escada. Aumenta o espaço vital depois que o corpo se foi. Permanecer a vida por um fio na faca de Sebastião.

Dormir, calor, dorme a cidade peregrinada. Afunda o barco na água turva porque tudo foi sugado, utilizado, funcionado pela cidade. A cidade de nome cidade. Os muros recém-pintados na portam mais nada que Vidal tivesse criado ou fabricado. Uma foto feliz talvez

enquadrasse agora o pôr de sol laranja, quase abóbora, num fundo indefinido, parado, à espera de solução.

Solta Sebastião a faca da mão. Como coisa usada, estragada, fora de uso. Sobe os degraus da escada, vai ter com Antônio. Bate à porta. Antônio abre. Pede comida porque teve coragem de lembrar que, um dia, Belisário pediu e ganhou. Antônio está só, Isabel saiu. Antônio deixa uma fresta da porta, apoia o ombro, sustém a conversa na boca do quarto.

“Um pouco de comida, que estou desarmado. Se matei não tive culpa sozinho. A faca fugiu da mão. A faca fugiu da mão.”

Permanece Antônio cerrando fileiras na eterna escuridão. Instantes.

“Um pouco de comida que eu vou embora daqui e não volto nunca mais. Foi sem querer. Ela provocou.”

Antônio ouviu, fechou a porta, tateou pela casa e voltou dizendo que não tinha nada para oferecer. Sebastião não acreditou, pediu mais uma vez, pediu só um pouquinho desta vez. Antônio fechou a porta por precaução, tateou pela casa, voltou com as mãos abanando, dizendo:

“Nada bom, está vendo só?”

Sebastião virou as costas, abriu a porta da rua e saiu. O rosto esfogueado. A faca suja ficou na escada sem ninguém por a mão. “Sem ela penso melhor”, refletia Sebastião já na calçada.

Dentro de casa, José, Maria Nazarena, Maria das Dores e Madalena: como estátuas sugadas; talvez como Vidal gostava que ficassem.

O inimigo tenta contra-atacar. Os comandos foram trocados. O homem de nome Belisário não presta mais para encabeçar a tropa. Grandes modificações estratégicas no front. Isabel saiu, talvez buscando alinhar-se com os inimigos. O silêncio excessivo no campo de batalha dá provas suficientes que algo está sendo tramado.

Hoje, um dia qualquer, fui visitado pelo novo comandante-em-chefe. Homem de voz mais grossa que a de Belisário. Trouxe das distantes e confortáveis salas de reuniões do alto comando inimigo mesmo engodo que aquele. Se bem que a resposta dada pelas forças possuidoras de razão não diferisse muito nas duas oportunidades, mesmo assim, volto a temer pela nossa sorte. Como substituto de Vidal no comando, cumpre a mim a tarefa de me atemorizar pelo menor sinal de movimentação do inimigo. Deverei, portanto, encontrar motivo forte e duradouro que justifique estas duas incursões sucessivas e aparentemente idênticas do inimigo. Salvo clamorosa e até ingênua falha militar, pensam eles que água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. E, se assim for, zelarei mais que nunca pela nossa retaguarda, ao mesmo tempo que redobro minhas atenções na frente de batalha. Assim será. Resta saber se Isabel foi, como parece, real portadora de informações às linhas inimigas. Talvez devessem imitar o gesto sábio do comandante inimigo e aniquilar nosso mais sagaz colaborador. Se a autenticidade de minha função investida é, por si só, incentivo cabalmente suficiente para esta tarefa tornando-a portanto humanamente inelutável, minhas fraquezas civis, mais visivelmente que

nunca, erguem voz de comando contrária, anulando minha capacidade de ação pessoal.

Grudo portanto meus ouvidos à porta e permaneço atento ao menor ruído. A qualquer momento Isabel baterá à porta trazendo mentira preparada nos lábios.

Repouso em conjecturas para que a verdade vença. Mesmo durante a noite.

Bateu em minha porta homem de nome Sebastião. Fui atender pois creio ser isso o que comumente as pessoas fazem quando alguém lhes bate à porta. Abri. Deixei apenas uma fresta para que a voz, fosse qual fosse, chegasse até meus ouvidos com nitidez. (Pensava ele ainda que eu não fosse cego?) Pediu comida e entrei incontinenti em busca de algo, não dando ouvidos ou trela para o que a mais viesse daquela boca. Quando regresssei sem nada ter encontrado, o homem ainda falava a mesma coisa, ou outra. Não dei importância ao fato. Relutante, encostei a porta e refiz o processo de busca, não encontrando nada que fosse diferente da primeira vez. Voltei, lhe comuniquei o fato e fechei a porta. Ouvi que descia as escadas murmurando qualquer coisa. Abriu certamente a porta da rua pois ouvi o barulho daqui. Deve ter saído pois seu tartamudear se perdeu quando a porta fechou. Depois, tudo calmo, tudo à espera do regresso de Isabel. Lembro de Vidal. Ele a esperava também. Mas para ele, era uma espera contínua, ininterrupta, como se ela nunca tivesse realmente existido.

Ah! estou cansado de tudo isso. Talvez um dia eu conte a Vidal tudo o que se passou. Talvez no dia em que ele voltar num trem-fantasma e entrar por essa mesma porta. Tenho medo de não ouvi-lo entrar. Baterá ele três vezes, como era habitual?

“Vidal, Vidal. É você? Responda de uma vez.”

Tudo calmo. A fome tem fala baixa. O intrincado de tudo é mudo como as paredes, como o prédio, como o homem morto sem ter almejado, sequer, uma única razão para viver.

Bateu em minha porta um homem de nome Sebastião. Nada aconteceu e, por isso, ele foi embora sem nada dizer. Guardei-me como se guarda um casaco no armário, como se deixa uma garrafa vazia na despensa. Recolho-me em projetos de morte até que Isabel me interrompe da porta do quarto, arrancando-me do sonho.

14

Gostava então de passear pelos muros da cidade. Gostava porque me parecia um grande capricho da vida. Vidal sempre soube disso e só não atirou isto na minha cara porque queria que os passeios continuassem indefinidamente.

“Fingir a dois é melhor que fingir isolado.”

Ouvi isto umas duas ou três vezes, sobretudo quando voltávamos, e, como gostava de entrar em casa resfolegando e feliz, eu lhe respondia:

“Sim, sim, mil vezes sim”.

Gostava então de entoar umas músicas que aprendi nos tempos do coral. (Vidal também sabia, apesar de preferir não me ouvir.) Mas os passeios eram longos, fazia-se de tudo, de tudo um pouco, como ele próprio afirmava com júbilo ao final de um verso declamado.

Certa vez, eu mesmo escrevi qualquer coisa num canto do muro que Vidal relegara.

“Posso escrever neste cantinho aqui?”

E como o que eu tencionava escrever era pouco, ele sempre concordava apesar de considerar de inferior qualidade aquilo que eu escrevia “com um pouco do sangue das veias”. Sim, algo assim, era o que eu queria dizer em todas as minhas incursões na escrita. Depois, como a vista já não ajudasse mais, eu lhe pedia para se utilizar do espaço que deveria ser reservado à minha própria memória. Então, muito embora eu recordasse uma outra passagem, ou ao menos o tema, era sempre Vidal quem surgia com algo bastante inusitado, fazendo-me duvidar muitas vezes que tudo aquilo, dito assim num jato único e denso, correspondesse à minha pequena fatia de vida emprestada ao muro e não àquela outra, que Vidal tomara posse veladamente.

Mas como eu pouco enxergasse, era Vidal quem, com o próprio punho, escrevia as pequenas mensagens poéticas que minha cabeça ditava.

“As palavras assim se sujam”, aguilhoava ele com o corpo pendendo para trás, as mãos nos quadris e os olhos presos na sombra escura da montanha. Mas era certamente uma referência aos muros que se sujam com as palavras – ou, porque, em síntese, não se devesse mesmo sujar os muros com versos sem poesia. Não sei.

Só sei que na manhã seguinte à sua partida, um grupo de trabalhadores caiava de branco o muro, apagando nossos traços pessoais, e arrancando dele toda a sujeira que penetrara através dos anos na porosidade da pedra.

15

Gostava então de passear sobre o seu corpo, mesmo que fosse em sonho, mesmo que estivesse frio, as carnes flácidas presas na mente, resguardadas em cheiro putrefato e passado.

e pelo sonho e, através dele, sonhava já na mediana primavera, e descobri então a única possibilidade de lhe antecipar a morte, num sonho:

havia uma praça boiando num entrecruzar de ruas. No meio dela, ereto o pedúnculo, a flor seca da vida, incomunicável na sua unicidade. E os bancos da praça como que amaldiçoavam aquela unicidade, como que seriam daquela existência essencial. Seca, a flor ocupava a morte de tudo. Lhe era o maior símbolo. Se minhas mãos encontrassem o preciso lugar do sonho onde a flor se encontrava, elas a estraçalharam e então tudo seria o recomeço, o renovo em busca da vida perdida. Tentei, agarrado à minha noite, alçar mãos imaginárias, alçar a

flor morta, petrificada, para dar lugar ao vento germinativo das coisas, sentar estas mãos na grama molhada e esperar o sol se pôr todos os fins de tarde, todos os dias do ano.

Gostava então de passear sobre o seu corpo, sonhava minhas mãos estrangulando a corrente de sangue que traz idade às carnes e à velhice,

que num sonho mais abandonado, invadi-lhe em orgasmo e calor. Preso à dor, acordei. Secura de boca e de órgão, sentido primordial.

Gostava então de lhe examinar como uma casa repleta de possibilidades. Toquei em seus joelhos e duas portas se abriram, gordas, cansadas, mormaço e bafo das idades.

Ela então dormia, boca semiaberta, o desespero saía dali e penetrava nas minhas narinas. Respirei a sua boca, janela sempre aberta, corrente de vento, de fome, de ar.

Gostava então de rolar as mãos pela barriga, tropeçar na pele invadida de morte, inútil, como eu, como tudo. Como seu cheiro sentido pelas minhas narinas enquanto dormia. E calcar as unhas nos seus seios de mãe, nas suas proeminências mortas, e reclamar delas um pouco de vida que sempre me faltara. E era como se reclamasse minha própria fome.

Subia então em escalada secreta seus cumes profundos e gostava de fazê-lo mesmo que fosse em sonho.

Mas nunca lhe cheguei a dizer a verdade. Nunca nos sobrou tempo. Não que este fosse escasso. Perdíamos-nos nele no sentido exato de que ele cogitava sobre nós, independente de nós. Numa noite mais longa, me detive em Isabel. Suportei seu corpo como uma ideia que já

passou. Trouxera ela, naquele dia, um embrulho com doces e confeitos. Já os havia comido, tanto, que eu mesmo sentia ao tocá-la a mesma satisfação que um confeito se permite, distribuindo as cerejas pobres no seu bolo de festa. Assim, distribuía eu, meus dedos, o sacrifício do meu tato sobre Isabel dormida. Peguei o barbante firme e rijo que viera com o embrulho. Dobrei-o em busca de alcançar, ao mesmo tempo, uma segurança e uma possibilidade de vida. Isabel dormia. Dormia ao meu lado um sono satisfeito e feliz. Eu o sentia nos meus lábios.

Nunca poderia tê-lo feito de outra forma. Precisava que ela se sentisse feliz com a vida, precisava encontrar em Isabel a paz suficiente de uma vida que se extravasa em direção ao sono eterno. Assim eu a senti.

Não, não foi um ato de coragem, pois ali, restava tão-somente a força resguardada em mim, armazenada em mim durante dias e dias de vigília e planos.

Gostava então de lhe tocar o pescoço e sentir na veia maior o fim e o começo da vida. Gostava então de descolar a carne doce do pescoço e rolá-la na ponta dos dedos. Ali estava a casa mesma feita em possibilidades.

Depois, durante dias, deslizei sobre seu corpo já passado. Gostava de senti-lo perto, forte, unido a mim. Imagino hoje que espécie de sorriso último lhe saíra da vida. Gostava de lhe perguntar certas coisas duras, coisas da morte. Gostava tanto que quase cheguei a fazê-lo.

Gostava de largar meu corpo sobre o dela como se sempre dispusesse eu da vida no limiar.

Sim, gostava de senti-la adentrando como um movimento que se reduz ao movimento em si mesmo. Amanhã, terei que fechar suas portas e janelas debaixo da

terra. E sua casa será uma casa jamais existida. E seu corpo, essa vagueza que tanto Vidal amara, mesmo em sonho, mesmo sem jamais tê-lo conhecido como eu.

Paciência. Sorvo e exalo o ar da manhã.

Suas mãos salgadas tiveram o cuidado da espera. Antônio Vidal roubou-me o que talvez já não fizesse questão. Morri sorrindo e guardei na boca um gosto escolhido com apuro. Sabia de antemão que os doces seriam os últimos doces. E que ele necessitava que eu me justificasse antes da morte. Tenho saudades já. Guardo dela o mais tranquilo sorriso. Guardo o momento em que Antônio Vidal decidiu se apossar de mim com propriedade. Gosto ruim, amargo, fel, o fel da vida, vontade de dormir para sempre. Não sei quando serei enterrada, mas já descanso durante o dia no calor da primavera.

Paris, 30 de março de 1976